

História da Salvação

História de um povo, de uma família



*A história da família nas Sagradas Escrituras,
do Antigo ao Novo Testamento*

Tema de Estudo 2026-2027
Equipa Responsável Internacional
Equipas de Nossa Senhora

Tema de Estudo 2026-2027

História da Salvação

História de um povo, de uma família



**A história da família nas Sagradas Escrituras,
do Antigo ao Novo Testamento**

**Equipas de Nossa Senhora
Equipa Responsável Internacional
Julho de 2026**

Este Tema de Estudo é propriedade das Equipes Notre-Dame,
Movimento Internacional, com sede em França.
Julho de 2026.

Imagem da Capa: A autoria de Abrokwah Godwin (Vecteezy.com)

Índice

Apresentação	4
Capítulo 1 - Criados para a comunhão.....	7
Capítulo 2 - A rutura da comunhão	18
Capítulo 3 - Dinâmicas do pecado familiar.....	31
Capítulo 4 - Regresso à comunhão	44
Capítulo 5 - Comunhão total no Amor.....	59
Capítulo 6 - A Família, coração do Reino.....	73
Capítulo 7 - A família evangelizadora	87
Capítulo 8 - A transmissão da fé na família	103
Capítulo 9 - Balanço	118
Anexos	125

Apresentação

A Equipa Responsável Internacional propõe a todas as equipas do mundo, para o terceiro ano do período 2024-2030, um tema de estudo baseado numa reflexão sobre a família nas Sagradas Escrituras que continua a aprofundar as orientações que apresentámos no Encontro Internacional de Turim, "Chamados a viver em comunhão". Neste terceiro ano, como explicámos então, quisemos aprofundar a orientação: "**Chamados a viver em comunhão em família**". Agradecemos à equipa editorial da SR Espanha por nos ter apresentado um texto que nos ajudará a redescobrir a nossa vida conjugal e familiar como lugar privilegiado da ação de Deus, como espaço onde Ele continua hoje a escrever a Sua história de amor pela Humanidade.

Ao longo destes meses percorreremos a grande história da salvação tal como nos é apresentada nas Sagradas Escrituras, descobrindo que não é uma narrativa distante ou alheia, mas um espelho onde se reflete a nossa própria experiência como cônjuges, pais, filhos e membros de uma equipa. A história da salvação é, desde o início, a história de um povo e de uma família. E, por isso, a nossa própria história – com as suas luzes e sombras – também se pode tornar um lugar de encontro com Deus.

Toda a história, quando olhada com fé, pode tornar-se em história de salvação. Não estamos a falar de uma história ideal ou perfeita, mas de uma história real, tecida de encontros e ruturas, de fidelidades e fragilidades, de buscas sinceras e de erros que nos magoam. É precisamente aí, no concreto e no quotidiano, que Deus escolhe entrar para se revelar e salvar. A Bíblia mostra-nos que Deus não age à margem da história humana, mas dentro dela, escolhendo famílias reais,

marcadas por limitações e pecados para realizar o seu projeto de comunhão.

É um itinerário em 8 capítulos que tem início nas primeiras páginas do Génesis, onde contemplamos como fomos criados à imagem e semelhança de Deus, chamados à comunhão, à complementaridade e à fecundidade. A partir daí, entramos destemidamente na realidade do pecado, não como uma simples falha moral, mas como uma rutura profunda que fere a nossa identidade, as nossas relações e a nossa capacidade de amar. A Palavra ajudar-nos-á a reconhecer as dinâmicas do pecado que atravessam a história familiar – comparações, rivalidades, silêncios, feridas herdadas – e a descobrir como Deus nunca se cansa de intervir para abrir caminhos de reconciliação. Ao longo do percurso, veremos também como o amor fiel de Deus se manifesta com uma força especial na imagem do matrimónio e da aliança. Os profetas revelam-nos um Deus que ama como esposo, que permanece fiel mesmo quando é rejeitado, e que oferece sempre a possibilidade de recomeçar. Este olhar lança luz sobre a nossa própria vocação matrimonial de uma nova forma: somos feitos para a unidade, para um amor único, fiel e total que reflete o próprio amor de Deus.

O itinerário também nos levará a contemplar a família como o coração do Reino, como o lugar onde Jesus quis crescer e de onde dignificou todas as relações humanas. Assim, a família aparece não só como destinatária da salvação, mas como um sujeito ativo da missão, chamada a ser uma Igreja doméstica e um espaço de evangelização. Neste contexto, a transmissão da fé ocupa um lugar central: não como uma tarefa técnica ou moralizante, mas como testemunho comunicado através da vida, da oração partilhada, do perdão e da coerência quotidiana. Propomos também, no final da agenda, um tempo de equilíbrio, reler o caminho percorrido, sermos gratos pelo que vivemos, reconhecermos os frutos e abrirmo-nos com confiança ao que o Senhor fez e continuará a fazer na nossa vida pessoal, conjugal e de equipa.

Este tema de estudo não pretende oferecer-nos respostas pré-fabricadas ou modelos ideais de família. Pelo contrário, quer ajudar-nos a olhar para as nossas próprias vidas com os olhos de Deus, a reconciliar-nos com a nossa história e a descobrir que, mesmo onde percebemos limites ou feridas, Deus continua a agir com fidelidade e esperança. Como casais de Equipas de Nossa Senhora, caminhamos juntos convencidos de que não estamos sozinhos, que a graça do sacramento nos sustenta e que o Senhor continua a tornar tudo novo.

Que este percurso nos ajude a renovar a nossa fé, a fortalecer a nossa comunhão e a permitir que sejamos transformados por Aquele que continua hoje a escrever a sua história de salvação no coração das nossas famílias.

Mercedes Gómez-Ferrer e Alberto Pérez

Casal Responsável Internacional das Equipas de Nossa Senhora

Capítulo 1 - Criados para a comunhão

"À imagem de Deus os criou" (Gn 1, 27)

Objetivos

1. Contemplar a nossa origem porque "criados à Imagem e semelhança de Deus"
2. Agradecer o caminho que nos foi dado para viver em complementaridade: "Homem e mulher os criou"
3. Aceitar a missão que nos é oferecida de sermos fecundos, que vai para além da paternidade/maternidade física

Leitura da Palavra (Gn 1, 26-31)

²⁶*Depois Deus disse: «Façamos o ser humano à nossa imagem, segundo a nossa semelhança. E que ele domine sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra». ²⁷Deus criou o ser humano à sua imagem; à imagem de Deus o criou, homem e mulher os criou. ²⁸Deus abençoou-os. E Deus disse-lhes: «Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra e conquistai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os seres vivos que rastejam pela terra». ²⁹Disse Deus: «Eis que vos entrego todas as ervas que geram semente sobre a face de toda a terra, bem como todas as árvores frutíferas que geram semente; hão de servir-vos de alimento; ³⁰e a todos os animais selvagens, a todas as aves dos céus e a todos os répteis da terra que têm alento de vida dou como alimento a erva verde». E assim foi. ³¹Deus viu*

tudo o que tinha feito e eis que era muito bom. Houve tarde e houve manhã: sexto dia.

Reflexões sobre a Palavra

O texto bíblico oferece-nos três perspectivas sobre a família e que respondem a três questões: a nossa origem, o caminho que somos convidados a percorrer e o propósito da nossa vida.

Uma origem

“Deus disse: «Façamos o homem à nossa imagem e semelhança.»”

Dos mil propósitos que podemos fazer na vida, o mais importante será sempre "ser eu próprio" e que toda a minha vida seja orientada a partir do meu ser mais profundo. Se fui feito à imagem e semelhança de Deus, e Deus é amor, então a minha identidade mais profunda não depende do que faço, do que tenho ou do que os outros pensam de mim. No meu próprio ser, antes de qualquer conquista ou fracasso, sou chamado a viver esta verdade: sou amor e devo amar.

Os piores desastres e a traição mais devastadora da vida começam sempre pela tentação de deixar de ser quem realmente sou, começando por não me aceitar: "Não valho a pena", "Não posso ser amado assim", "a minha história, o meu corpo, a minha vida... estão mal feitos."

Se não acreditar que tenho um valor único em mim mesmo para além das minhas qualidades ou dos meus valores, tentarei procurá-lo enfatizando o meu ego, fechando-me sobre mim mesmo, exigindo que me seja reafirmado, esperando dos outros aquilo que só eu me posso dar, vendo todos como inimigos que não correspondem às minhas

expectativas... e essa dor direcioná-la-ei especialmente ao meu Deus Pai, porque Ele é, em última instância, o responsável pelo desastre que sou e que é a minha vida ou, no melhor dos casos, não O culparei, mas não me verei digno de ser amado por Ele.

Certamente, quando escutamos a parábola da "pérola de grande valor",¹ a partir de uma interpretação mais "moralista" do Evangelho, pensamos que somos o comerciante e que esta parábola nos convida a vender tudo pelo Reino de Deus. Mas, e se houvesse outra explicação? E se fossemos nós a pérola preciosa e Jesus fosse o comerciante que vendeu tudo, até o seu sangue, para nos comprar? Tudo muda, não é verdade?

Pois bem, é assim, nós somos a pérola preciosa, pela qual o próprio Deus entregou o seu filho à morte para nos comprar e para nos salvar do que não somos, do não-amor. Porque se somos amor, o não-amor não só nos afeta moralmente, como também nos destrói no nosso próprio ser.

Acreditar nisto dá-nos a capacidade de nos entregarmos, sem necessidade de nos procurarmos, exigindo autoafirmação, exigindo que sejamos amados sempre e em todos os momentos.... reconhecer isto permite-nos reorientar o nosso projeto conjugal e familiar.

Quando nos esquecemos de que fomos criados à imagem e semelhança de Deus e exigimos que o outro preencha aquilo que não pode.

¹ "O reino dos céus é também semelhante a um comerciante que procura belas pérolas. Ao encontrar uma pérola de grande valor, foi vender tudo quanto tinha e comprou-a" (Mt 13, 45-47).

Um projeto a construir

"Homem e mulher os criou"

"Deus criou o ser humano à sua imagem; à imagem de Deus o criou, homem e mulher os criou", é surpreendente ler este versículo, escrito há milhares de anos e que proclama solenemente a igualdade intrínseca entre homem e mulher. Neste particular é importante esclarecer que o conceito de "humano", neste versículo, se contrapõe à palavra homem, referindo-se à humanidade e não ao próprio homem-homem.

É surpreendente que o versículo use a conjuntiva "e" e não a disjuntiva "ou", que parece que seria normal... criou-os *"homem ou mulher"*, sendo que desta forma Deus deixa claro que quis que o ser semelhante a Ele não fosse exclusivo de um indivíduo único e completo, *"um ou outro"*, mas que fosse fruto da complementaridade de dois, homem e mulher, um e outro, ou seja, que a imagem de Deus se expresse, seja encarnada e se torna visível na união entre homem e mulher, na comunhão e na diferença de ambos, não num único indivíduo. A masculinidade fala de Deus e a feminilidade fala de Deus.

O facto de sermos iguais em dignidade não significa que sejamos iguais entre nós. Pelo contrário, ao sermos diferentes e vivermos essa diferença como complementaridade é quando somos verdadeiramente "imagem de Deus". O matrimónio é então o lugar onde as diferenças se devem tornar uma possibilidade de complementaridade criativa e não uma fonte de rivalidade.

O encontro com o outro trabalha o nosso coração para que dê frutos abundantes. Da mesma forma que a terra precisa do trabalho do ser humano para dar fruto, o ser humano precisa do encontro com um "tu" que o confronte para tirar o melhor de si mesmo. Todos tendemos a acomodar-nos, a expandir o nosso eu sem considerações, sem ordem,

e para isso Deus deu-nos o outro, para que nos ponha limites. Limites que nos definem e nos impedem de deixar de sermos nós próprios.

Um propósito para a nossa vida

"Deus abençoou-os. E Deus disse-lhes: «*Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra e conquistai-a*»."

Começamos por reconhecer que a diferença radical entre o ser humano e o resto da criação é que os seres humanos entram em diálogo com Deus, Deus pode falar com eles e eles respondem-Lhe: Assim, com o diálogo, através da palavra criadora, Deus dá ao casal a capacidade de dar vida.

Quando falamos de fecundidade não falamos apenas de procriação, porque todo o "homem e mulher" é fértil, é capaz de dar vida e é chamado a encher o mundo de vida. A nossa fecundidade, mesmo que não seja biológica, está garantida.

Certamente, ao lermos "conquistar", os nossos "alarmes culturais" soarão e pensaremos que a palavra deveria ser reescrita, mas devemos entender o domínio pelo ser humano como uma posição concedida por Deus para servir a ordem divina, como um poder de serviço, de bom governo e de amor. Bendita conquista, se for feita com amor.

Deus fez-nos semelhantes a Ele no governo e no serviço da criação, tornou possível que dominássemos algo para exercer este governo que devemos cuidar com amor e com justiça: eu domino as relações sociais, eu domino a capacidade de delegar e de criar equipas eficazes, eu domino as situações complexas... Todos temos um governo para exercer, todos temos alguém de quem cuidar, porque a todos nos foi dado alguém a quem devemos estar atentos e é assim que exercemos a nossa semelhança com Deus.

O trabalho, mesmo que por vezes nos seja difícil, é belo em si mesmo... e se não, falemos com alguém que esteja desempregado... e não só por causa da questão económica. Uma pessoa começa a desmoronar-se quando sente que já ninguém precisa dela, que é "inútil", porque fomos criados para ser fecundos, para gerar vida e servir os outros, para cuidar dos outros... caso-me para o serviço e o cuidado do meu marido e da minha mulher, para sermos fecundos como casal (mesmo que não tenhamos filhos), para em nome de Deus realizar a obra da criação.

A família tem como missão gerar vida e, de facto, o nosso caminho natural é deixar de ser filho/filha, para passar a ser irmão/irmã e acabar por ser pai/mãe. E, neste momento, a nossa sociedade, com um grande complexo de Peter Pan, parece levar-nos a nunca deixarmos de ser filhos, de pedir, de exigir, de receber, de querer que cuidem de nós... primeiro os meus pais, depois o meu marido/a minha mulher, mais tarde até os meus filhos e, sobretudo, a sociedade que tem de me dar tudo.

A paternidade/maternidade... ser fecundos, gerar vida, governar... exige a perda de si próprio, o acabar com a autorreferencialidade. Faltam pais e mães capazes de viver a sua vocação. Faltam-nos adultos que deixem de se perguntar “quem sou eu?” para começarem a perguntar-se “para quem sou eu?”. Porque, no fim, a única alegria é aquela que proporcionamos aos outros, dando as nossas vidas e morrendo para nós próprios.

Palavras do Padre Caffarel

«Deus disse: Casal cristão, és o meu orgulho e a minha esperança. Quando criei o céu e a terra e no firmamento os grandes luzeiros, vi nas minhas criaturas vestígios das minhas perfeições e pensei que era bom. Quando cobri a terra com o seu grande manto de campos e de florestas, vi que era bom. Quando criei os inúmeros animais de acordo com as

suas espécies, contemplei nesses seres vivos e abundantes um reflexo da minha vida transbordante e achei que era bom! De toda a minha criação subia então um grande hino solene e alegre, celebrando a minha glória e as minhas perfeições. E, no entanto, em nenhum lugar via a imagem daquela que é a minha vida mais secreta e mais fervorosa. Então, despertou em mim a necessidade de revelar o melhor de mim mesmo e esta foi a minha mais bela invenção. Foi assim que te criei, casal humano, “à minha imagem e semelhança”. E desta vez vi que era muito bom. No meio deste universo em que cada criatura exalta a minha glória, celebra as minhas perfeições, tinha finalmente surgido o amor para revelar o meu Amor. Casal humano, minha criatura muito amada, minha testemunha privilegiada, compreendes por que és a mais querida entre todas as criaturas? Compreendes a imensa esperança que deposito em ti? És portador da minha reputação, da minha glória, és para o universo a grande razão de ter esperança, porque és amor.» (Henri Caffarel, *As Equipas Contra o Ateísmo*, 5 de Maio de 1970. Roma)

Pistas para preparar o dever de se sentar

Ser chamado a viver o projeto de ser à imagem e semelhança de Deus significa acolher a nossa origem e compreender o caminho.

- No plano pessoal, em que medida se definem como filhos de Deus, para além do que fazem, do que podem fazer, do que vivem ou do que esperam de vós? Em que momentos se apercebem disso? Como podem avançar para o verdadeiro reconhecimento do vosso eu mais profundo?
- Na relação com o vosso marido ou a vossa mulher, ou em geral com as outras pessoas, vivem as diferenças como uma possibilidade de se complementarem ou como uma dificuldade para caminharem juntos? Podem dar um exemplo? Que experiência têm de que a

relação com o outro faz emergir o melhor de vós mesmos? Podem partilhar situações em que veem que o demónio procura fazer das vossas diferenças um motivo para confronto e rutura? Que "antídoto" usam nesse momento?

- Olhem para a vossa vida e reconheçam nela a experiência que têm como casal e como família de serem geradores de vida, mesmo que não tenham filhos. Em que é que reconhecem que a vossa vida é serem "cuidadores dos outros"? Quanto vos custa vivê-lo?

Reunião da Equipa

Sugestões para o pôr em comum

O pôr em comum é um momento muito especial na vida da equipa. É uma oportunidade para partilhar, com uma profundidade invulgar na rotina do dia a dia, o que vivemos durante o mês a partir de uma perspetiva de fé.

É verdade que refletir sobre o que nos aconteceu sem pensar muito sobre o assunto, nos ajuda a conhecermo-nos a nós próprios, mas não nos ajuda a libertarmo-nos do ciclo de imediatismo e de superficialidade que a vida muitas vezes nos impõe.

Em relação ao que nos aconteceu este mês, como o vivemos na prática, ou como tem sido difícil viver "à imagem e semelhança de Deus"?

Oração (Gn 2, 18-24)

O Senhor Deus disse: «Não é conveniente que o homem esteja só; vou dar-lhe uma auxiliar semelhante a ele». Então, o Senhor Deus, após ter modelado da terra todos os animais dos campos e todas as aves dos

céus, conduziu-os até junto do homem, a fim de verificar como ele os chamaria, para que todos os seres vivos fossem conhecidos pelos nomes que o homem lhes desse. O homem designou com nomes todos os animais domésticos, todas as aves dos céus e todos os animais ferozes; contudo, não encontrou auxiliar semelhante a ele. Então, o Senhor Deus fez cair sobre o homem um sono profundo; e, enquanto ele dormia, tirou-lhe uma das suas costelas, cujo lugar preencheu de carne. Da costela que retirara do homem, o Senhor Deus fez a mulher e conduziu-a até ao homem. Então, o homem exclamou: «Esta é, realmente, osso dos meus ossos e carne da minha carne. Chamar-se-á mulher – Ishsha –, visto ter sido tirada do homem – Ish!». Por isso, o homem deixará o seu pai e a sua mãe e unir-se-á à sua mulher e serão como uma só carne. (Gn 2, 18-24)

- Num momento de silêncio, agradeçamos ao Senhor o dom que Ele nos deu no nosso cônjuge.
- Peçamos ao Senhor o dom de sermos verdadeiramente "uma só carne", que complemente as nossas vidas.
- Quem quiser pode partilhar a seguinte oração: "Peço ao Senhor que reconheça no meu marido/na minha mulher... uma ajuda para a minha fraqueza."

Terminamos a oração com o Pai Nosso

Partilha

Propomos algumas pistas para a partilha. Como em tudo o resto, usem-nas na medida em que vos possam ajudar.

Reconhecer que fomos criados à imagem e semelhança de Deus no nosso dia a dia não é fácil, tudo nos parece dizer o contrário: "és fruto do acaso", "és um conjunto de átomos", "o outro é melhor do que tu, não

percebes?", "a tua vida é inútil", "são apenas dias que passam, nada mais. "...

É por isso que os pontos de esforço se tornam a ajuda necessária para conseguirmos recordar, interiorizar e viver o nosso ser mais profundo.

A escuta da Palavra traz-nos bênçãos, ilumina as nossas vidas, entra no mais profundo dos nossos corações para nos guiar, elevar e curar.

A oração conjugal coloca-nos diante d'Aquele que nos une, renovando assim a nossa identidade como imagem do amor d'Aquele diante de quem ambos nos colocamos quando rezamos.

O dever de se sentar ajuda-nos a transformar a diferença em complementaridade, a olharmo-nos com o olhar de Deus, a reconhecermo-nos como um dom.

- Em que coisas concretas vivemos desta forma os pontos de esforço?

Questões para o Estudo do Tema

O que vos chamou a atenção neste capítulo do Tema? Houve algo que vos tenha ajudado especialmente?

Na sociedade ocidental do século XXI, há uma grande ênfase em todos os aspetos da igualdade entre homens e mulheres. Em muitos países existem mesmo ministérios dedicados a esta questão. Esta cultura da "igualdade", no entanto, gera falsos modelos igualitários, baseados na estrita observância da distribuição das tarefas domésticas e familiares, sem prestar precisamente atenção às nossas especificidades e diferenças, que foram o que nos cativou e nos fez apaixonar um pelo outro. Ou seja, somos convidados a esquecer que somos diferentes e

complementares, tal como Deus nos criou e a colocar toda a ênfase na igualdade radical. A experiência de inúmeras famílias põe em causa a eficácia de viver este aspeto de forma beligerante, levando a conflitos baseados em exigências e completamente desprovidos de amor. De acordo com esta reflexão:

- Como vivem, no vosso casal, a diferença como uma verdadeira complementaridade? Que dificuldades encontram?
- O sacramento que nos une tem uma vocação de eternidade, por isso devemos ser sempre muito cuidadosos na nossa relação com tudo o que nos possa magoar. Que coisas vemos que cuidam do nosso "para sempre"? Que coisas vemos que o colocam em perigo?

Capítulo 2 - A rutura da comunhão

"Ouvi a tua voz no jardim e tive medo" (Gn 3, 10)

Objetivos

1. Compreender o conceito de pecado como uma categoria teológica
2. Reconhecer a Dinâmica do Pecado
3. Constatar em que medida o pecado destrói a comunhão no nosso matrimónio, na nossa família e na nossa equipa.

Leitura da Palavra (Gn 3,1-12)

¹A serpente era o mais astuto de todos os animais do campo que Deus, o Senhor, tinha feito. Ela disse à mulher: «É verdade que Deus vos disse: Não comais de nenhuma árvore do jardim?» ²A mulher respondeu à serpente: «Podemos comer o fruto das árvores do jardim. ³Mas do fruto da árvore que está no centro do jardim Deus disse: Não comais dele nem toqueis nele, para não morrerdes». ⁴Retorquiou a serpente à mulher: «Não morrereis certamente! ⁵Pois Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, se abrirão os vossos olhos e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal». ⁶Então a mulher viu que a árvore era boa para alimento e atraente para os olhos e que a árvore era apetecível para adquirir sabedoria. Tomou então do seu fruto e comeu; e deu também ao seu homem que estava com ela e ele comeu. ⁷Então abriram-se os olhos de ambos e reconheceram que estavam nus; entrelaçaram folhas de figueira e colocaram-nas à volta das cinturas. ⁸Quando ouviram a voz de Deus, o Senhor, que passeava no jardim à hora da brisa, o

homem e a sua mulher esconderam-se da vista de Deus, o Senhor, no meio das árvores do jardim. ⁹Deus, o Senhor, chamou pelo homem e perguntou-lhe: «Onde estás?» ¹⁰Ele replicou: «Ouvi a tua voz no jardim e tive medo, porque estava nu. Por isso, escondi-me». ¹¹E Deus perguntou: «Quem te informou que estavas nu? Porventura comeste da árvore da qual Eu te tinha ordenado que não comesses?» ¹²O homem respondeu: «A mulher que Tu colocaste junto de mim, ela é que me deu a comer da árvore e eu comi».

Reflexões sobre a Palavra

Um plano truncado por ter "falhado o alvo"

No tema anterior, refletimos e partilhámos as grandes verdades das nossas vidas:

Nas duas primeiras páginas do Génesis, o relato sobre o sentido da nossa origem fala-nos do desejo de Deus e do seu plano original: a nossa origem, o nosso caminho e o nosso propósito. Mas esta não é a nossa realidade. A nossa origem é difusa, abriram-se inúmeros pseudocaminhos, o propósito da nossa existência tornou-se autorreferencial e isto causou-nos um vazio existencial, muitas vezes insuportável. O que nos aconteceu?

Olhamos à nossa volta e vemos guerras, divisão, tristeza, caos, desespero, suicídio, rejeição de Deus, egoísmo, autossuficiência, vazio... Onde está o plano original de Deus?

A resposta parece óbvia: o pecado entrou nas nossas vidas. É uma palavra usada tanto pelos cristãos como pela sociedade, mesmo por aqueles que se declaram contra a fé. No entanto, é um termo muito usado em excesso e frequentemente desprovido do seu significado

original e profundo.

A palavra "pecado" (*hamartía*) significa literalmente "falhar o alvo", não atingir o objetivo.

Se fomos criados para a comunhão com Deus, o pecado não pode ser entendido apenas em termos morais. É, acima de tudo, o que nos faz esquecer quem somos e para que vivemos.

O pecado desfoca as nossas origens, confunde-nos pelo caminho e faz-nos perder de vista o propósito das nossas vidas. Por esta razão, é conveniente para nós recuperar uma leitura ontológica e relacional desta palavra, porque, no fim, o pecado ataca o nosso ser mais profundo e separa-nos de nós próprios, dos outros e especialmente do Amor de Deus.

Por isso, se abordarmos o pecado com este sentido, veremos que esta rutura distorce o plano original de Deus. Ele, que tinha desejado e criado a comunhão, enfrenta o pecado que inflige uma rutura profunda:

- A união total entre homem e mulher será ferida pela divisão.
- A fraternidade será atacada pela comparação, pela queixa e pelo desprezo pelo outro, podendo ir até à morte.
- A possibilidade de construirmos juntos será aniquilada pelo desejo de "sermos individualmente reconhecidos", o que nos divide enquanto sociedade.

O texto bíblico do Génesis não tenta tanto explicar o passado do que aconteceu, mas iluminar o presente que vivemos. Ajuda-nos a compreender e gerir o nosso presente.

Comecemos por imaginar Adão e Eva a desfrutar da vida, a receber alegremente os seus primeiros dias: tudo era para eles, a terra dava fruto, viviam em paz absoluta... era "O Paraíso".

Desde ser criados à imagem de Deus até fugir d'Ele

Gn 3, 1: A serpente era o mais astuto de todos os animais do campo que Deus, o Senhor, tinha feito.

Surge uma nova personagem: a serpente. Este animal do "deserto" é uma espécie de cobra pequena, esquiva e discreta, que passa despercebida, descrita nas Sagradas Escrituras como o mais astuto dos animais. A sua inteligência estratégica aguarda que Eva fique sozinha. Certamente, se Adão e Eva estivessem juntos, teriam vencido, mas qualquer um deles, separadamente, estava destinado a deixar-se enganar.

Gn 3, 1: Ela disse à mulher: «É verdade que Deus vos disse: Não comais de nenhuma árvore do jardim?»

Parece que o demónio teve um lapso e ficou confuso, mas na realidade está a dizer-lhe subliminarmente, inserindo a mensagem no seu subconsciente: "se ele não te deixa comer de uma árvore, é como se não te deixasse comer de nenhuma, porque o que ele faz é tirar-te a liberdade."

Gn 3, 2-3: A mulher respondeu à serpente: «Podemos comer o fruto das árvores do jardim. Mas do fruto da árvore que está no centro do jardim Deus disse: Não comais dele nem toqueis nele, para não morrerdes»

A serpente começa a falar com Eva com meias-verdades, semeando dúvidas, obrigando-a a justificar Deus... e Eva entra em diálogo com o mal partindo da sua grande ingenuidade, deixando-se enganar.

Deus criou “todo o tipo de árvores belas à vista e boas para alimento; e também a árvore da vida no meio do jardim”, por isso, o que Eva diz não

é verdade: “Deus disse-nos: ‘Não comam do fruto da árvore que está no meio do jardim, nem lhe toquem, para que não morram’”. O que Deus disse realmente foi: “Podeis comer de todas as árvores do jardim, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não deveis comer”. Portanto, não é verdade que Deus não queira que comamos daquilo que nos dá vida, do que está no centro, mas sim que Ele nos está a proteger.

O mandamento de Deus adverte-nos para a impossibilidade de conhecer tudo, fazendo-nos perceber que, se me esforçar por conhecer as coisas na sua totalidade para as amar, "morrerei", porque haverá sempre coisas, situações e pessoas que não chegarei a conhecer e que exigirão que eu ame para além da compreensão.

A serpente faz Eva perceber que o que Deus ordenou foi uma proibição e não uma defesa. É como dizeres ao teu marido: “Lembra-te que se beberes café agora não vais dormir” e ele interpretar isso como uma proibição.

Partindo desta premissa, facilmente decorre da experiência mais difícil e da mentira mais aterradora: "DEUS NÃO TE AMA", proibiu-te de comer para que não sejas feliz.

Gn 3, 4-5: Retorqui a serpente à mulher: «Não morrereis certamente! Pois Deus sabe que, no dia em que dele comeres, se abrirão os vossos olhos e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal».

A serpente, além de questionar as intenções de Deus, leva Eva a ficar obcecada por uma árvore, apenas uma em todo o paraíso. Fá-la entender que o seu pecado não terá consequências; além disso, fá-la acreditar que terá uma vida melhor, que está incompleta e que só será feliz se for como Deus, mesmo que seja sem Ele: “Porque Deus sabe que, no dia em que dele comeres, se abrirão os vossos olhos e sereis como deuses”.

A partir deste momento, Eva entra em dúvida, deixa de ver Deus como o Pai providente que se preocupa e começa a vê-lo como alguém perante quem tem de se defender, começa a ansiar por um mundo ideal (não nos esqueçamos que estava no paraíso) e a concluir que Deus não a ama, que não quer o seu bem, que merece mais e que está a ser enganada.

Gn 3, 6: Então a mulher viu que a árvore era boa para alimento e atraente para os olhos e que a árvore era apetecível para adquirir sabedoria. Tomou então do seu fruto e comeu; e deu também ao seu homem que estava com ela e ele comeu

O pecado é-nos apresentado como algo maravilhoso: afirma-te, alegrete, defende-te, faz o que quiseres, aproveita... Eva “viu que a árvore era boa para alimento e atraente para os olhos e que a árvore era apetecível para adquirir sabedoria. Tomou então do seu fruto e comeu”, mas essas qualidades encontram-se em todas as árvores, já que Deus criou “todo tipo de árvores atraentes para os olhos e boas para alimento”; não precisava de comer dessa árvore em particular, mas alguém a tinha deixado obcecada por ela.

Gn 3, 7-8: Então abriram-se os olhos de ambos e reconheceram que estavam nus; entrelaçaram folhas de figueira e colocaram-nas à volta das cinturas. Quando ouviram a voz de Deus, o Senhor, que passeava no jardim à hora da brisa, o homem e a sua mulher esconderam-se da vista de Deus, o Senhor, no meio das árvores do jardim.

O homem experimenta a nudez. Antes estava nu, mas isso não o incomodava porque se sentia protegido por Deus. Agora que rompeu com Deus, está SOZINHO! Experimenta um vazio existencial. Tentará cobrir esse vazio, esse buraco profundo com coisas, com afetos ("...e entrelaçaram folhas de figueira e colocaram-nas à volta das cinturas). Isto leva-o ao isolamento como forma de se esconder da realidade assustadora, mas não o impedirá de continuar a sentir uma profunda

insegurança. “O homem e a mulher esconderam-se entre as árvores do jardim...” e ele responderá a Deus: "Tive medo porque estava nu; por isso é que me escondi".

Gn 3, 12: O homem respondeu: «A mulher que Tu colocaste junto de mim, ela é que me deu a comer da árvore e eu comi».

De imediato, surgem sentimentos de culpa e de egoísmo, a condenação de se amar apenas a si mesmo e de viver sempre dentro do círculo; e o homem que amava a sua mulher como a si mesmo (acabara de dizer "esta é carne da minha carne") não hesita em acusá-la para que Deus a castigue e o salve: É por isso que, quando há uma discussão, a culpa é sempre do outro: o namorado diz que a culpa é da namorada..., os filhos dizem que a culpa é dos pais porque são antiquados, os trabalhadores dizem que a culpa é do patrão porque é um tirano, os desempregados dizem que a culpa é do governo, etc.

De serem criados para se complementarem à inveja e à ganância.

Gn 4, 3-5: E aconteceu que, ao fim de algum tempo, Caim apresentou ao Senhor uma oferta de frutos do solo; Por seu lado, Abel ofereceu alguns primogénitos do seu rebanho e as gorduras deles. O Senhor olhou com agrado para Abel e para a sua oferta, mas não olhou com agrado para Caim nem para a sua oferta.

Este processo de rutura não é acidental. Tudo começa com uma comparação e, independentemente de o resultado ser favorável ou desfavorável, a própria comparação mina a grandeza da nossa identidade única e insubstituível e fazendo-nos sentir injustiçados. Esta experiência pode resultar de crer que não tenho valor, de tal modo que,

ao olhar à minha volta, sinto inveja dos outros e desejo o que os outros têm e que acredito não possuir.

No caso de Caim, ele oferece "frutos", mas não as primícias. Não é a mesma coisa. Quando ofereço as primícias de algo acabo por ficar sem nada, porque quando entrego a primeira parte não sei se haverá uma segunda. Abel entrega as primícias, confia e fica sem nada diante de Deus; Caim oferece frutos, nada mais.

Gn 4, 5-7: Caim ficou muito irritado e andava de rosto abatido. O Senhor disse a Caim: «Por que ficaste zangado e de rosto abatido? Pois, se procederes bem, está erguido. Mas, se não procederes bem, o fracasso está deitado à tua porta; o seu impulso será para ti, mas tu exercerás domínio sobre ele».

Neste momento, é fácil entrar numa dinâmica de vitimização, onde tudo se torna confuso e os pensamentos se tornam tóxicos, aprisionando-nos em nós próprios e dominando-nos.

Na cabeça de Caim, algo assim poderia ter acontecido: "vejam o que Abel ofereceu, é melhor do que a minha oferta, vejam como Deus notou, é porque ele é o seu favorito, é porque nunca me amou, estou sozinho, não sirvo para nada, ninguém me ama, a minha vida não tem sentido"... e uma vez que sucumbimos a entrar nesta espiral do mal, mesmo que Deus se aproxime e cuide dele, Caim já não escuta, já quebrou a relação, já pecou.

Gn 4, 8: Entretanto, Caim falou a Abel, seu irmão. E aconteceu que, quando estavam no campo, Caim lançou-se sobre Abel, seu irmão, e matou-o.

Perante a rutura da relação com o outro, que nasce da comparação, da inveja e da ganância, a dinâmica do pecado leva-nos a usar dois

mecanismos que parecem antagônicos, mas que são duas faces da mesma moeda: o medo e o domínio do outro.

O medo: Se estiver enraizado no meu coração que o meu valor se baseia naquilo que faço e que não tenho valor intrínseco, assim que reconhecer que o que fiz está errado, sentir-me-ei nu, julgado e condenado... e terei medo dos outros porque é impossível que me amem dessa forma. Esta é a experiência de Adão e Eva: "Tive medo porque estava nu" (*Gn 3, 10*).

O domínio do outro: Caim, que recebeu de Deus o domínio sobre o campo, numa linha de graça, usa-o como seu "próprio terreno" para onde conduz o seu irmão Abel e é precisamente nesse lugar de domínio que o submete à morte. "Quando estavam no campo, Caim lançou-se sobre Abel, seu irmão, e matou-o" (*Gn 4, 8*)

Palavras do Padre Caffarel

“Destinado às mais altas alturas, o amor humano desmorona-se por vezes e cai no abismo. Não procuremos a explicação noutro lugar senão no pecado original: este não foi apenas uma falha individual, mas também um pecado do casal; pela quebra da aliança entre Deus e o primeiro casal, o amor que uniu o homem e a mulher perde a sua pureza original: um poder corrosivo destrói-o por dentro; a lei da gravidade atrai-o para a terra; o desgaste e o envelhecimento ameaçam-no todos os dias.”

Corrompido, torna-se corruptor. Deus tinha-o feito fonte de alegria, de paz, de vida, de santidade; o pecado transforma-o em causa de sofrimento, de drama, de crime, de morte. O rio de vida, destinado a fertilizar a terra, tornou-se uma torrente devastadora.

A primeira tarefa do amor era unir. O amor pecaminoso torna-se causa de desunião: separa o homem de Deus, faz com que falhe nas suas fidelidades; tendo-o reduzido à servidão, afasta-o do seu dever e separa-o dos seus semelhantes, introduzindo no íntimo do seu ser um fermento de divisão que opõe a carne ao espírito, corrompendo ambos.

E, no entanto, embora despojado do seu esplendor original, o amor não perdeu toda a sua bondade e prestígio: não pode silenciar a promessa que deve trazer ao mundo e esse sinal com que foi marcado por Deus não pode ser completamente apagado." (*L'Anneau d'Or, O Mistério do Amor, 1945. Vocação do amor*)

Pistas para preparar o dever de se sentar

- Conseguem reconhecer como "a serpente" se faz presente de forma subtil e enganadora no vosso dia a dia? Com que mentiras costumam iniciar o diálogo da tentação no vosso caso?
- Conseguem ver-se refletidos nessa dinâmica tóxica que nasce da comparação e que nos leva a pensar que nada faz sentido? Como conseguem sair deste ciclo?
- Nas vossas relações, o que aparece mais, o medo, o domínio ou ambos? Somos capazes de reconhecer os momentos em que isso nos impede de nos deixarmos amar e que tende a separar-nos de tudo e de todos?

Reunião da Equipa

Sugestões para o pôr em comum

- O pôr em comum é um momento muito especial na vida da equipa. É a oportunidade de poder partilhar, a partir de uma profundidade invulgar no dia a dia, o que vivemos no mês numa perspetiva de fé.
- É verdade que nos ajuda a conhecermo-nos a nós próprios refletir sobre o que nos aconteceu sem pensar muito sobre o assunto, mas que não nos ajuda a sair do ciclo de imediatismo e de superficialidade que a vida normalmente nos impõe.
- Do que nos aconteceu este mês, em que situações nos sentimos especialmente tentados? Como é que as vivenciámos?

Oração (Gn 4, 1-8)

O homem conheceu a sua mulher, Eva, Geradora de Vida. Ela concebeu e deu à luz Caim. E disse: «Alcancei um homem, graças ao Senhor». Depois deu também à luz o seu irmão, Abel. Abel era pastor de gado miúdo e Caim cultivava o solo. E aconteceu que, ao fim de algum tempo, Caim apresentou ao Senhor uma oferta de frutos do solo. Por seu lado, Abel ofereceu alguns primogénitos do seu rebanho e as gorduras deles. O Senhor olhou com agrado para Abel e para a sua oferta, mas não olhou com agrado para Caim nem para a sua oferta. Caim ficou muito irritado e andava de rosto abatido. O Senhor disse a Caim: «Por que ficaste zangado e de rosto abatido? Pois, se procederes bem, estás erguido. Mas, se não procederes bem, o fracasso está deitado à tua porta; o seu impulso será para ti, mas tu exercerás domínio sobre ele». Entretanto, Caim falou a Abel, seu irmão. E aconteceu que, quando estavam no campo, Caim lançou-se sobre Abel, seu irmão, e matou-o.

- Num momento de silêncio reconhecemos como, ao longo deste mês, vivemos a partir da comparação e da inveja.
- Peçamos ao Senhor que nos ajude a quebrar o ciclo da raiva e do abatimento.
- Quem quiser pode partilhar a oração. "Peço ao Senhor que reconheça os momentos em que... e peço-Lhe ajuda para sair deles."

Terminamos a oração com o Pai Nosso

Partilha

Propomos algumas pistas para a partilha. Como em tudo o resto, usem-nas na medida em que vos possam ajudar. Os pontos de esforço tornam-se na ajuda necessária para "não cair na tentação".

A escuta da Palavra é a luz que nos faz distinguir a voz da serpente que nos vitimiza da voz do Bom Pastor que nos convida a amar.

A oração conjugal permite-nos reconhecer a nossa "nudez" num ambiente Sagrado. Perante a situação de termos caído na tentação, temos medo, sentimo-nos vulneráveis e incapazes de nos deixar amar. A oração conjugal pode ser esse lugar sagrado onde se pode ser amado.

O dever de se sentar ajuda-nos a não enfrentar a tentação sozinhos como Eva. Nele ganhamos forças para lutar contra o mal com as armas da fé.

Comentar se durante este mês os pontos de esforço vos ajudaram a viver esta experiência de vitória na guerra espiritual que vivemos.

Questões para o Estudo do Tema

- Com base neste capítulo do Tema, conseguem entender o pecado como um “falhar o alvo”? Já o entendiam dessa forma antes?
- Um dos grandes perigos espirituais é acreditar que não somos tentados, que o espírito maligno não existe... como são vividas as tentações enquanto luta espiritual?
- Como entendem que, na vida concreta, o pecado quebra a comunhão com Deus, com o cônjuge e com a família?

Capítulo 3 - Dinâmicas do pecado familiar

"Deus enviou-me para salvar as vossas vidas" (Gn 45, 7)

Objetivos

1. Reconhecer como Deus irrompe na história real de uma família
2. Compreender as dinâmicas e as formas de pecado que se integram nas nossas relações
3. Agradecer a paciência de Deus para com os seus eleitos
4. Ter consciência de como o Deus da História renova todas as coisas e torna possível a reconciliação

Leitura da Palavra *(Gn 45, 4-15)*

⁴José disse aos seus irmãos: «Aproximai-vos de mim, peço-vos!» Eles aproximaram-se e José continuou: «Eu sou José, vosso irmão, que vós vendestes para o Egito. ⁵Mas não vos entristeçais, nem vos irriteis convosco mesmos por me terdes vendido para aqui, pois foi para dar vida que Deus me enviou à vossa frente. ⁶Pois já há dois anos que há fome na terra e ainda faltam cinco anos, em que não haverá lavoura nem colheita. ⁷Deus enviou-me à vossa frente para vos garantir um resto de descendentes na terra e para vos conservar a vida e serdes um grande grupo de sobreviventes. ⁸Por isso, não fostes vós que me fizestes vir para aqui, mas foi Deus. Ele estabeleceu-me como pai para o faraó e como senhor de toda a sua casa e governador de todo o país do Egito.

⁹Apressai-vos a voltar para junto do meu pai e dizei-lhe: “Assim fala o teu filho José: Deus fez-me senhor de todo o Egito. Desce para junto de mim;

não te demores! ¹⁰Habitarás na terra de Gósen e estarás perto de mim, tu e os teus filhos e os filhos dos teus filhos, o teu gado miúdo e graúdo e tudo o que te pertence. ¹¹Sustentar-te-ei ali, porque vai haver fome durante mais cinco anos. Para que não fiques em privação, tu, a tua casa e tudo o que te pertence”. ¹²Os vossos próprios olhos, assim como os olhos do meu irmão Benjamim, estão a ver que é a minha própria boca que vos fala. ¹³Contai ao meu pai toda a minha glória no Egito e tudo o que vistes; e apressai-vos a fazer com que o meu pai desça para aqui». ¹⁴Então lançou-se aos ombros de Benjamim, seu irmão, e chorou; e Benjamim também chorou nos ombros dele. ¹⁵José beijou todos os seus irmãos e chorou com eles. E depois disto os seus irmãos puseram-se a falar com ele.

Reflexões sobre a Palavra

Uma das relações mais complexas de toda a história da salvação é a relação fraterna. Descobrimos frequentemente como os irmãos se podem tornar lobos uns dos outros.

Este conflito não é apenas uma questão pessoal ou psicológica: é uma ferida transmitida de geração em geração, uma espécie de "pecado original *originante*"² que distorce a forma como os seres humanos se posicionam em relação aos seus semelhantes.

O que surpreende é que, no meio desta realidade ferida, Deus realiza a sua história de salvação. É precisamente a família de Abraão – longe de ser perfeita – que Deus escolhe como instrumento do seu plano de Amor para toda a humanidade.

Pode ser desconcertante descobrir em Abraão, Sara, Isaac, Rebeca ou Jacob comportamentos contrários ao que esperaríamos de uma "família

² O termo “originante” é proposto no original em espanhol.

escolhida por Deus". Ciúme, engano, traição e violência abundam nas suas vidas. No entanto, esta história ensina-nos que Deus não escolhe a família errada: escolhe pessoas reais, frágeis, feridas, mas abertas à Sua graça.

Nas próximas páginas, vamos percorrer três gerações — Abraão, Isaac e Jacob — para descobrir como, apesar do pecado, Deus escreve direito nas linhas mais tortas.

Abraão: o início de uma história ferida

A história da salvação começa com Abraão, chamado por Deus a deixar a sua terra e a confiar numa promessa. No entanto, mesmo nele – o "pai da fé" – manifesta-se a fragilidade humana. Por medo, mente e entrega a sua esposa Sarai ao Faraó, para salvar a própria vida. (*Gn 12, 10-20*)

Sara, movida pela impaciência e pelo desespero com a sua esterilidade, entrega a sua serva Agar a Abraão para que lhe dê um filho. Mas quando Agar concebe, Sara fica cheia de ciúmes e expulsa-a para o deserto juntamente com o seu filho Ismael. Só a intervenção de Deus impede a sua morte (*Gn 21, 8-21*).

Isaac, filho desta história, cresce a testemunhar o exílio do irmão e como o favoritismo dos pais divide e magoa. Assim, desde o início, a família chamada por Deus para ser uma bênção carrega consigo uma ferida de divisão que marcará as gerações seguintes.

Jacob e Esaú

Isaac casa-se com Rebeca, mas ela também é estéril. Isaac ora ao Senhor pela sua esposa e Deus ouve a sua súplica: Rebeca concebe

gémeos. Desde o início a gravidez é conflituosa: as crianças debatem-se no seu ventre. Preocupada, Rebeca consulta o Senhor e Ele revela-lhe o mistério da sua maternidade:

«Dois povos estão no teu seio, e duas nações desde as tuas entranhas se contrapõem; uma nação será mais forte que a outra, e o mais velho servirá o mais novo» (*Gn 25, 23*).

Quando dá à luz, a primeira a sair é Esaú, avermelhada e coberta de pelos; atrás vem Jacob, agarrando o calcanhar do irmão. Essa imagem – dois irmãos em tensão desde o ventre – antecipa o conflito que marcará a sua história e a dos seus descendentes.

Com o tempo, as diferenças entre os irmãos tornam-se mais pronunciadas: Esaú torna-se caçador e homem do campo; Jacob é mais reservado, amante da vida doméstica.

Isaac prefere Esaú, enquanto Rebeca ama Jacob. Mais uma vez, a preferência introduz divisão dentro da família.

Um dia, enquanto Jacob preparava um guisado, Esaú regressou do campo exausto e com fome. "Dá-me um pouco dessa comida vermelha", disse ele. Jacob respondeu: "Vende-me agora mesmo o teu direito de primogenitura." Esaú, dominado pela fome, aceitou. As Escrituras concluem com uma frase dura: "Foi assim que Esaú menosprezou o direito de primogenitura" (*Gn 25, 34*).

O conflito, no entanto, não termina por aqui. Mais tarde, com a cumplicidade da mãe, Jacob engana o pai e obtém a bênção destinada ao irmão. "Ouve com atenção, meu filho", diz-lhe Rebeca, "vai ao rebanho e traz-me de lá dois cabritos gordos; prepararei com eles um prato saboroso para o teu pai, e tu levá-lo-ás até ele para que te abençoe antes de morrer" (*Gn 27, 6-10*).

Isaac, cego e idoso, abençoa o filho errado. Quando descobre o engano, não revoga a bênção, mas aceita-a como definitiva. Esaú, enfurecido, jura matar Jacob, e este foge para a terra do seu tio Labão. Assim, o engano volta a causar separação entre irmãos: a herança de Abraão repete-se. (*Gn 27, 18-46 e Gn 28, 1-9*)

Jacob, Lia e Raquel: uma família em tensão

Jacob chega à casa do seu tio Labão e apaixona-se por Raquel, a filha mais nova. Aceita trabalhar para ela durante sete anos, mas na noite de núpcias, Labão engana-o e dá-lhe Lia, a irmã mais velha, como esposa. Aquele que enganou é agora enganado: a história toma um rumo em direção à justiça e à aprendizagem. (*Gn 29, 21-30*)

Jacob trabalha mais sete anos para se casar também com Raquel, formando assim uma família marcada pela rivalidade e pelo desejo de reconhecimento. Numa sociedade onde a maternidade garantia o valor de uma mulher, Lia e Raquel competem para dar filhos a Jacob. Perante a esterilidade, ambas dão as suas servas – Zilpa e Bila – para terem descendência em seu nome (*Gn 30*).

Destas quatro mulheres nascem os doze filhos de Jacob, os doze patriarcas de Israel. Neste ponto, a história dá um salto: já não há exclusão, porque todos os filhos são abençoados. A promessa estende-se a todos, mesmo aos nascidos de escravas. A escolha de Deus não se baseia no mérito humano, mas na Sua misericórdia (*Gn 31*).

José e os seus irmãos: o círculo repete-se pela última vez

Entre os doze filhos, José – o primogénito de Raquel, a esposa amada – ocupa um lugar especial no coração do pai. Jacob ama-o mais do que

aos outros e oferece-lhe uma túnica de mangas compridas, um sinal de distinção. "Quando os irmãos viram que o pai o preferia, começaram a odiá-lo e já nem sequer o saudavam" (*Gn 37, 4*).

José tem sonhos proféticos em que vê os seus irmãos a curvarem-se diante dele. Estes sonhos inflamam ainda mais o ódio entre eles. Os irmãos conspiram para o matar, mas acabam por vendê-lo a mercadores que o levam para o Egito. "Vamos vendê-lo aos Ismaelitas... afinal, é nosso irmão e da nossa carne" (*Gn 37, 27*).

Mais uma vez, o drama familiar repete-se: preferências, inveja, engano e violência entre irmãos. Mas desta vez, a história vai tomar um novo rumo.

No Egito, José vive a escravatura, a calúnia e a prisão. No entanto, o seu dom para interpretar sonhos leva-o ao Faraó, que o nomeia governador de todo o Egito.

Quando a fome assola a região, os irmãos de José descem ao Egito em busca de alimento e não o reconhecem. José testa-os e, finalmente, revela-se: "Eu sou José, vosso irmão, que vós vendestes para o Egito. Mas não vos irriteis nem vos culpeis por me terdes vendido para aqui, pois foi para dar vida que Deus me enviou à vossa frente" (*Gn 45, 4-5*).

José perdoa, acolhe e salva. Nele, a história de violência e ressentimento transforma-se em reconciliação. Onde antes havia ódio, agora há graça. Em José, o mal herdado é interrompido e o perdão inaugura um novo começo.

José, figura de Cristo

A história de José antecipa a história de Jesus. A sua vida é uma verdadeira profecia em ação.

José é o filho amado de Jacob; Jesus é o Filho amado do Pai. José é vendido por moedas de prata; Jesus também é traído por dinheiro. José é injustamente acusado e preso; Jesus é condenado sendo inocente. José dá pão ao seu povo; Jesus entrega-se como Pão da Vida.

Em José, a figura do Servo sofredor anunciada por Isaías (*Is 53*) realiza-se: "Desprezado e rejeitado pelos homens, homem de dores... maltratado, humilhou-se voluntariamente e não abriu a boca."

Assim como José salva o seu povo da fome, Cristo salva toda a humanidade do pecado e da morte.

Com José, a cadeia de ciúmes, mentiras e violência é quebrada. O seu perdão vence a maldição da herança familiar e abre o horizonte a uma nova humanidade reconciliada. Deus, uma vez mais, escreve direito por linhas tortas. O seu amor transforma o pecado em salvação, a dor em promessa e a ferida em bênção.

Ainda hoje, as nossas famílias – marcadas por tensões, feridas ou silêncios – podem encontrar em José um espelho e uma esperança.

A história não termina em conflito: a misericórdia tem a última palavra.

Talvez nem sempre estejamos conscientes disto, mas é precisamente a família que introduz a fraternidade no mundo. A partir desta primeira experiência de fraternidade, alimentada pelos afetos e pela educação familiar, o estilo da fraternidade irradia-se como uma promessa sobre a sociedade inteira (*Amoris Laetitia*, 194).

José, figura do Cristo crucificado e ressuscitado, impede o mal da história e abre o caminho para o amor que redime. Nele cumpre-se a promessa final: "Eis que faço novas todas as coisas" (*Ap 21, 5*). E assim, no seio das nossas próprias famílias, Deus continua a escrever a sua história de salvação.

Palavras do Padre Caffarel

"Um coração de pai"

Como acabamos de ver, os pais aprendem com os filhos as atitudes que o Pai que está nos Céus deseja encontrar neles. Este não é o único benefício: graças a isto, adquirem um coração de pai e um coração de mãe. Se escutarem o seu coração, sentirão o bater de outro coração: o de Deus. Um pai partilha connosco a sua experiência. "Naquele dia, perguntei à minha filha de nove anos: 'Vamos lá ver, já fizeste os trabalhos de casa?' Monique, hesitante, responde: "Sim". Às onze da noite fui ao quarto das raparigas para ver se estavam a dormir bem. Na cadeira ao lado da cama da Monique, encontrei num pequeno quadro-negro uma mensagem que dizia: "Papá, peço desculpa por ter mentido quando disse que tinha revisto a lição, porque não é verdade. Peço perdão e tentarei não voltar a fazê-lo. Tenho muita vergonha, gostaria de ter dito que não. Podes acordar-me se quiseres falar comigo, quero que o faças. Boa noite, PAPÁ... Monique."

"Leio, apago o que ela escreveu e respondo: "Minha pequena Monique querida, amo-te muito, muito porque me escreveste a pedir perdão. Perdoo-te com grande alegria e felicidade, porque vi que me pedes perdão porque me amas. Claro que não é aceitável mentir; mas como confessas e pedes perdão, apago como se não tivesses mentido. Sempre que te arrependeres de me teres feito sofrer e me pedires perdão por isso, eu perdoar-te-ei, mesmo que sejam muitas vezes. É assim que o Bom Deus faz, porque nos ama. Quis acordar-te ontem à noite, como pediste, mas não consegui porque dormias tão profundamente. Escrevi-te rapidamente esta mensagem para que a encontrasses ao acordar e soubesses logo que te perdoei. Amo-te muito, minha tão querida filha.

Continua a fazer muitos esforços: o pai, a mãe, Jesus ficam contentes. Abraço-te com todas as minhas forças. Papá."

Este pai disse-me que os sentimentos no seu coração naquela noite o ajudaram a compreender, de forma extraordinária, a paternidade de Deus. E que símbolo admirável é o quadro-negro! O que resta eternamente de um pecado que Deus nos perdoou? Nada, a não ser mais uma manifestação da maravilhosa misericórdia do Pai. "Feliz culpa!" canta a liturgia pascal.

O próprio Cristo, se me permitem dizer, pôs os pais no caminho certo: "Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do céu dará o Espírito Santo àqueles que lho pedem! (Lc 11, 13)." *(Anneau d'Or, Maio-Agosto de 1963, O Matrimónio, esse Grande Sacramento)*

Pistas para preparar o dever de se sentar

- Quando, no seio da vossa família, vivem sofrimentos, contradições, circunstâncias adversas, etc., o que vos leva a desconfiar e a duvidar que Deus esteja realmente a construir uma verdadeira história de salvação? Podem dar um exemplo em que tenham sentido essa desconfiança?
- Reconhecem e percebem no vosso matrimónio, nos vossos filhos ou nos vossos irmãos, a transmissão de certas dinâmicas, como comportamentos, atitudes, feridas ou sofrimentos, que já tinham observado nos vossos pais ou vivenciado com os vossos irmãos? Acreditam que, involuntariamente, poderá ter havido uma transmissão nas formas de se relacionar de uma geração para outra?
- Pensam que podem ser como o José para a vossa família? Deem exemplos de situações que enfrentaram na vossa família. Conseguem travar qualquer onda de ódio, ressentimento, amargura, divisão, confronto, crítica, julgamento, inveja, etc., na vossa família? De que

forma? Conseguem quebrar a cadeia do mal e do sofrimento que pode estar a afetar a vossa família e o vosso lar? De que forma? O que pensam que podem fazer?

Reunião da Equipa

Sugestões para o pôr em comum

O pôr em comum é um momento muito especial na vida da equipa. É a oportunidade de poder partilhar, a partir de uma profundidade invulgar no dia a dia, o que vivemos no mês a partir de uma perspetiva de fé.

É verdade que refletir sobre o que nos aconteceu nos ajuda a conhecermo-nos a nós próprios, mas não nos ajuda a sair do ciclo de imediatismo e superficialidade que a vida normalmente nos impõe.

Em que situações deste mês sentimos que "a história se repete" e que, apesar disso, Deus encontra um caminho no meio das dificuldades?

Oração

Lemos o texto bíblico proposto para este capítulo.

Fiquemos alguns momentos em silêncio. Deixemos que esta cena de reconciliação toque a nossa própria história. Tal como José, também nós carregamos feridas que vêm de longe: mal-entendidos, comparações, julgamentos, palavras não ditas... Peçamos ao Senhor a graça de olhar para a nossa história familiar e matrimonial através dos Seus olhos, descobrindo que, mesmo nas coisas mais dolorosas, Ele tem trabalhado para nos dar vida.

Podemos rezar em voz alta com uma fórmula simples, por exemplo: "Agradeço ao Senhor pelas vezes em que, na nossa história, trocou o mal pelo bem..."

"Peço ao Senhor a graça de perdoar e de me deixar perdoar, como José fez com os seus irmãos..."

"Confio ao Senhor esta ferida da nossa família, para que Ele a transforme numa bênção..."

(Deixa-se um tempo de silêncio ou de oração espontânea para os membros da equipa).

Rezamos todos juntos:

Senhor Jesus, Tu que transformaste a traição em salvação e converteste as lágrimas de José em abraço e perdão, entra também na história da nossa família. Concede-nos a graça de reconhecer a tua mão em tudo o que vivemos, de nos perdoarmos incondicionalmente e de escrever contigo uma nova história.

Que as nossas famílias sejam sinais do Teu amor reconciliador, capazes de travar o mal com o bem e de proclamar que, mesmo nos caminhos tortuosos da vida, continuas a escrever a Tua história de salvação. Ámen.

Terminamos a oração com o Pai Nosso

Partilha

Propomos algumas sugestões para a partilha. Como em tudo o resto, utilizem-nas na medida em que vos forem úteis: de que forma concreta os pontos de esforço nos ajudam a evitar repetir automaticamente dinâmicas herdadas da nossa história familiar (silêncios, comparações, julgamentos, ressentimentos, fugas...)?

A escuta da Palavra permite-nos reconhecer como o Senhor escreve a sua história de amor mesmo em momentos de conflito, de distanciamento ou de incompreensão. Através da Palavra aprendemos a olhar para a história da nossa família com os olhos de Deus, que não se detém no pecado ou na fragilidade, mas que os transforma em caminho da salvação. Quando é que escutar a Palavra nos permitiu reler uma situação familiar dolorosa a partir da fé e não apenas das feridas? Algo mudou no nosso olhar ou na nossa forma de reagir?

A oração conjugal é o lugar onde, tal como Jacob, podemos apresentar as nossas lutas e deixar que Deus nos abençoe. Aí o matrimónio torna-se solo sagrado: colocamos diante do Senhor as nossas feridas, as nossas diferenças e o nosso cansaço e deixamo-nos reconciliar pelo Seu amor. A oração conjugal ensina-nos a olhar para o outro como um dom, não como um rival; a pedir perdão e a perdoar; a deixar que o Senhor torne "novas todas as coisas". Como é que a oração conjugal nos ajuda a apresentar a Deus as histórias que não compreendemos, as feridas antigas ou os conflitos que se repetem, sem nos culpabilizarmos ou nos resignarmos a eles?

O dever de se sentar ajuda-nos a evitar repetir as histórias de divisão, de silêncio ou de ressentimento que por vezes trazemos das nossas próprias famílias. É um momento para falar de forma simples, escutar com o coração e discernir juntos como Deus quer agir na nossa história. Tal como José com os seus irmãos, aprendemos a quebrar o círculo do mal com o poder do amor, a reconhecer a ação de Deus mesmo naquilo que nos causou sofrimento. Durante o dever de se sentar conseguimos falar da nossa história familiar com verdade e misericórdia, sem acusar, sem justificar e sem fugir? Que frutos concretos descobrimos quando o fazemos?

Questões para o Estudo do Tema

Durante este mês, os pontos de esforço podem ajudar-nos a recordar a nossa história familiar e conjugal à luz da Palavra; a partir deles podemos partilhar com a equipa e comentar os pontos seguintes ou os que considerarem mais adequados para a vossa equipa.

Podemos perguntar-nos:

- O que nos chamou a atenção neste capítulo do Tema?
- A partir dele, conseguimos contemplar a nossa história e a da nossa família com misericórdia?
- Que experiência de oração conjugal ou de dever de se sentar nos ajudou a viver esta esperança?
- A figura de José ocupa um lugar central neste capítulo. Qual a sua característica (paciência, interpretação da história baseada na fé, perdão, capacidade de não retribuir o mal com o mal...) que nos desafiou mais? Porquê?
- Depois de trabalhar este tema, que nova esperança descobrimos para a nossa própria família, mesmo quando vemos limites, feridas ou situações que parecem não ter solução?

Capítulo 4 - Regresso à comunhão

"Então farei de ti minha esposa para sempre" (Os 2, 21)

Objetivos

1. Compreender a relação profunda entre o monoteísmo e a monogamia como uma expressão do amor único e fiel de Deus refletido no matrimónio.
2. Reconhecer o ciclo de infidelidade e de reconciliação na história de Israel e como este processo se reflete e aplica na vida conjugal e familiar.
3. Identificar e aprofundar os pilares fundamentais do amor conjugal: fidelidade, memória e perdão, compreensão da sua importância e crescimento na aliança.
4. Fortalecer a confiança na ação transformadora de Deus nas feridas e nas dificuldades familiares, abrindo caminho à reconciliação e a uma história de salvação vivida no dia a dia.

Leitura da Palavra *(Is 54, 1-10)*

¹Regozija-te, estéril, tu que não deste à luz, solta brados de alegria e exulta tu que não tiveste as dores de parto. Pois os filhos da desamparada são mais numerosos que os filhos da casada – diz o Senhor. ²Alarga o espaço da tua tenda, estende os panos da tua morada, não te retraias, estica as tuas cordas e fixa bem as estacas; ³porque te expandirás à direita e à esquerda; a tua descendência tomará posse de povos e povoarão as cidades desertas. ⁴Não temas, pois não ficarás

envergonhada, nem te rebaixes, pois não serás desonrada; esquecerás a vergonha da tua juventude e não mais recordarás a afronta da tua viuvez. ⁵Pois o que se tornou teu marido é o teu criador, Senhor dos exércitos é o seu nome; e o teu redentor, o Santo de Israel, será chamado o Deus de toda a terra ⁶Pois, como a uma mulher abandonada e de espírito abatido, o Senhor chamou por ti. E uma esposa de juventude poderia ser desprezada? – diz o teu Deus. ⁷Por breves instantes Eu te abandonei, mas com grande amor volto a receber-te. ⁸Num ímpeto de ira, por um momento, escondi de ti a minha face; mas com eterna fidelidade me compadecei de ti – diz o Senhor, teu redentor. ⁹Acontece comigo como nos dias de Noé, quando jurei que as águas de Noé não cobririam mais a terra. Assim juro nunca mais me enfurecer contra ti, e nunca mais voltar a ameaçar-te. ¹⁰Mesmo que os montes se desloquem e as colinas se desmoronem, não se afastará de ti o meu amor e a minha aliança de paz não vacilará – diz o Senhor, que se compadece de ti.

Reflexões sobre a Palavra

A história da salvação e o amor fiel de Deus

Percorremos juntos até agora o início da história da salvação através do livro do Génesis. Vimos como Deus criou o homem e a mulher e os chamou a amar desde o princípio. Assim, estabeleceu o primeiro matrimónio como modelo e protótipo para todos os que viriam depois. Também abordámos o tema do pecado e das suas consequências, observando como esta realidade humana afeta a vida e as relações, sem quebrar a promessa amorosa de Deus.

Além disso, acompanhámos as grandes figuras da história da salvação: Abraão, Isaac, Jacob e José que, apesar das suas fragilidades e falhas, são testemunhas da fidelidade de Deus, que cumpre as suas promessas. No meio das suas vidas vemos como Deus não desiste

perante a nossa pobreza humana, mas com paciência e ternura continua a formar uma família, a grande família da salvação.

Deus age assim: para se revelar e salvar a humanidade, Ele quer formar uma família que cresça e se fortaleça ao longo da história.

Livros proféticos

Depois de termos percorrido o Génesis e os fundamentos da nossa fé, entramos agora nos livros proféticos, que nos abrem as portas à profunda experiência do amor de Deus pelo seu povo, expresso através da imagem do matrimónio.

Na história do povo de Israel encontramos uma dinâmica que reflete tanto a sua experiência como a nossa. Israel atravessa ciclos em que enfrenta profundas dificuldades³: sente-se perdido e sem identidade, como um "não-povo". Nesses momentos, Deus escuta o seu clamor e responde com misericórdia. O povo abre-se a Deus e experimenta a paz e a confiança, mas com o tempo esquece que esse bem-estar vem d'Ele e começa a afastar-se, procurando falsos deuses e falsas seguranças.

Este afastamento leva Israel à infidelidade, o que causa sofrimento e perdas. No meio desta espiral, os profetas emergem como vozes corajosas, chamados por Deus a denunciar a infidelidade, a alertar para as suas consequências e, acima de tudo, a apelar à conversão e ao regresso à Aliança com Deus. Utilizam uma linguagem simbólica e muitas vezes dura, porque a sua mensagem incomoda os que detêm o poder.

³ Entre outros: a libertação da escravatura no Egito (Ex 14, 10-31), o esquecimento e a idolatria no deserto (Ex 32, 1-35), os ciclos dos juízes (Jz 2, 11-19), o reino dividido e a idolatria em Israel e Judá (1Rs, 12-14) e especialmente o exílio para Babilónia (Jr 29, 10-14)

A mensagem central dos profetas é sempre a mesma: Sede fiéis à Aliança que Deus fez com Israel quando vos libertou do Egito! Esta Aliança, expressa na Lei, é o fundamento para uma vida livre e plena.

A relação entre monoteísmo e monogamia

Uma das mais profundas contribuições do Antigo Testamento para a nossa compreensão de Deus e da família é a ligação íntima que estabelece entre o monoteísmo e a monogamia. Deus é uno, único, e esta unidade divina reflete-se no amor único e definitivo que o matrimónio deve representar. Não se trata simplesmente de um acordo social ou de uma norma cultural, mas de uma dádiva revelada por Deus, onde o amor exclusivo entre duas pessoas não se fecha sobre si mesmo, mas está aberto à comunidade e à vida.

Esta ideia foi revolucionária no contexto do antigo Médio Oriente, onde predominavam o politeísmo e a poligamia. Israel, por outro lado, proclama a existência de um único Deus verdadeiro e, ao mesmo tempo, pratica a monogamia, tornando-a um sinal visível do amor exclusivo do único Deus. O Livro do Génesis aborda esta novidade no relato da criação do homem e da mulher: "Por isso, o homem deixará o seu pai e a sua mãe e unir-se-á à sua mulher e serão como uma só carne" (*Gn 2, 24*). Esta unidade expressa não só o casal, mas a própria imagem da relação única entre Deus e o seu povo.

Israel não chegou a esta compreensão a partir de uma simples análise familiar, mas antes porque a experiência profética de Deus como único e fiel se expressou no modelo do matrimónio e do amor humano. Por outras palavras, o monoteísmo e a monogamia foram simultaneamente moldados na história de Israel, influenciando-se mutuamente.

Esta dinâmica ensina-nos algo fundamental: o ser humano encontra a

sua identidade, a sua vocação e o seu significado na medida em que se compreende à luz de Deus. Como afirma o Concílio Vaticano II: "Cristo revela o homem a si mesmo" (GS 22). Só à luz de Cristo compreendemos o nosso verdadeiro valor, o significado das nossas relações, o significado da família e o profundo anseio por um amor fiel e único.

Fomos feitos para a unidade!

Fomos feitos para um amor único, indissolúvel, fiel e exclusivo. Este é o anseio profundo que pulsa nos nossos corações todos os dias. Quem nunca sofreu a dolorosa experiência de um fim de relação, a ferida de um adultério interior ou a angústia de um coração dividido?

Este desejo não é um capricho humano nem uma imposição da Igreja. É a expressão de algo fundamental: fomos feitos à imagem e semelhança de Deus. Por isso, ansiamos viver em plena comunhão no matrimónio, porque os nossos corações estão configurados para um amor fiel, único, que não mente nem trai, um amor que não promete para depois abandonar. Se Deus é Um e n'Ele habita a plenitude do amor, é lógico e necessário que o nosso coração procure incansavelmente esse amor único e indissolúvel. A monogamia, entendida como um amor fiel vivido da unidade e da comunhão, revela-nos quem Deus é e, portanto, quem somos.

A Bíblia fala-nos repetidamente deste desejo que Deus tem pelo homem e do desejo do homem por Deus. A imagem que percorre toda a história da salvação é precisamente a monogamia vista como casamento definitivo: Deus desposa o seu povo numa aliança pessoal e definitiva. Desde o início, as Escrituras começam com um casamento — o de Adão e Eva, a imagem da humanidade — e depois narram a aliança de Deus com Israel como um noivado sagrado. Israel é a noiva escolhida por Deus, chamada a viver a fidelidade conjugal numa relação de amor

mútuo e de enriquecimento constante.

No entanto, a história de Israel é também a história de uma esposa infiel que se afasta do marido e se entrega à idolatria, rendendo-se a outros falsos "deuses". Esta infidelidade gera rutura, sofrimento e perda de identidade. Por isso, a história recapitulada em Cristo, plenitude da revelação do Pai, apresenta-o como o Esposo da Igreja. A plenitude da revelação do Pai, que se apresenta como o Esposo da Igreja. Isto manifesta-se no primeiro milagre, o casamento em Caná (*Jo 2, 1-11*), na parábola das virgens prudentes e insensatas (*Mt 25, 1-13*) e nas palavras de São Paulo, que apela os cônjuges cristãos a amarem-se uns aos outros como Cristo amou a Igreja, entregando-se por ela na Cruz⁴.

Finalmente, a Bíblia conclui com um grandioso banquete nupcial no Apocalipse: a boda do Cordeiro, a aliança eterna e definitiva de Cristo com a sua Igreja. Assim, o próprio céu será uma boda, o casamento definitivo de Cristo com o seu povo⁵.

Oseias, símbolo de fidelidade total

Deus, que é Amor, torna-nos participantes do Seu próprio amor. O matrimónio não pode ser sustentado apenas pelo nosso amor humano, porque vai muito para além disso: é o próprio Amor de Deus, revelado e vivido na união sacramental. É isto que significa casar na Igreja, não apenas casar pela Igreja.

Oseias, profeta do Antigo Testamento, viveu e pregou a fidelidade numa

⁴ "Maridos, amai as vossas mulheres como Cristo amou a Igreja e a si mesmo se entregou por ela" (Ef 5, 25-32).

⁵ "E ouvi como que a voz de uma numerosa multidão, semelhante ao fragor das águas torrenciais e ao estrondo de fortes trovões, que dizia: «Aleluia! Porque o Senhor nosso Deus, o Onnipotente, começou a reinar! Alegremo-nos, exultemos e dêmos-lhe glória, porque chegaram as núpcias do Cordeiro, e a sua esposa está preparada: foi-lhe concedido que se vestisse com linho fino, resplandecente e puro». O linho fino são as ações justas dos santos. Disse-me o anjo: «Escreve: felizes os convidados para o banquete das núpcias do Cordeiro!». E continuou: «Estas são as verdadeiras palavras de Deus" (Ap 19, 6-9).

época de grande crise para Israel, por volta de 800 A.C. O seu nome, que significa "salvação", liga-se a figuras como José⁶ e Josué⁷, que representam a salvação e a restauração na história de Israel.

Num mundo onde a fidelidade parece obsoleta e o compromisso efémero, falar de "para sempre" no matrimónio pode parecer estranho ou impossível. Hoje, a infidelidade não só é comum, como é facilitada por plataformas que promovem a quebra discreta de compromissos. A sociedade contemporânea chega mesmo a encarar a infidelidade como uma solução para as crises conjugais, normalizando comportamentos que são vírus nas relações.

Perante isto, Oseias mostra-nos um Deus que ama com uma fidelidade inabalável. Embora a sua esposa Gomer seja infiel, ele perdoa-a e procura-a com amor apaixonado. Oseias é chamado a viver a fidelidade de Deus no meio da infidelidade do seu povo, ensinando-nos que a fidelidade é um ato supremo de liberdade que só é possível com Deus. Amar sem esperar nada em troca é impossível sem Ele.

Jeremias e o chamamento para recordar

Jeremias profetiza durante tempos difíceis para Judá, nos últimos anos de Judá, antes do exílio (*Jr 1, 1-3*), denunciando a falsa religiosidade e a confiança enganadora (*Jr 7, 3-11*), procurando refúgio nos ídolos: "abandonaram-me a mim, fonte de águas-vivas, construindo para si mesmos cisternas, cisternas rotas, que não conseguem reter a água", denunciando a infidelidade do povo que procura refúgio nos ídolos e

⁶ "Mas não vos entristeçais, nem vos irriteis convosco mesmos por me terdes vendido para aqui, pois foi para dar vida que Deus me enviou à vossa frente. [...] Deus enviou-me à vossa frente para vos garantir um resto de descendentes na terra." (Gn 45, 5-7) e "Vós planeastes o mal contra mim, mas Deus planeou-o para o bem, para realizar o que acontece neste dia: dar vida a um povo numeroso." (Gn 50, 20)

⁷ "Moisés, meu servo, morreu. Portanto, agora, levanta-te e atravessa este rio Jordão, tu e todo este povo, para a terra que Eu lhes vou dar." (Js 1, 2-3). Josué torna-se o instrumento de Deus para introduzir o povo na Terra Prometida: salvação e cumprimento da promessa.

aparentam ser piedosas sem verdadeiro compromisso. Usando a imagem do matrimónio, mostra como Israel esqueceu o amor inicial de Deus. (*Jr 2, 11-13*)

Em tempos de crise, quando tudo parece sombrio e sem sentido, a memória é essencial: recordar as promessas e os encontros anteriores com Deus que nos sustentam. Esta memória grata permite-nos superar o desespero e seguir em frente, mesmo quando não há razões visíveis para tal.

"Recordo-me de ti, da afeição da tua juventude, do amor do teu noivado, quando caminhavas atrás de mim no deserto, na terra que não é semeada." (*Jr 2, 2-3*)

Deus convida Israel a recordar a libertação do Egito, a entrega da lei e as maravilhas feitas ao longo da história.

"Não se interrogaram: ‘Onde está o Senhor? Ele que nos fez subir da terra do Egito, que nos conduziu através do deserto por uma terra de desolação e barrancos, terra de aridez e de escuridão, terra por onde ninguém passa e onde nenhum ser humano habita’?" (*Jr 2, 6*)

Este apelo para "voltar ao início" é também para nós: na fé e no matrimónio, a memória dos momentos decisivos fortalece o compromisso e a esperança.

«Eis que dias virão – oráculo do Senhor –, em que firmarei uma aliança nova com a casa de Israel e a casa de Judá. Não será como a aliança que firmei com os seus pais, no dia em que agarrei na sua mão, para os fazer sair da terra do Egito, aliança que eles romperam, embora fosse Eu o senhor deles – oráculo do Senhor. Porém, esta será a aliança que firmarei, passados aqueles dias, com a casa de Israel – oráculo do Senhor. Estabelecerei a minha lei dentro deles e gravá-la-ei no seu coração. Eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo. E ninguém mais

terá de ensinar ao seu próximo e ao seu irmão, dizendo: “Aprendeis a conhecer o Senhor!” pois todos me conhecerão, desde o mais pequeno ao maior – oráculo do Senhor – já que perdoarei as suas iniquidades e não mais recordarei os seus pecados» (*Jr 31, 31-34*).

Ezequiel, o perdão, a fidelidade restauradora

Quando a memória humana se revela insuficiente para sustentar uma relação devido a infidelidades repetidas, o perdão entra em cena.

Ezequiel oferece uma imagem poderosa do povo ferido e abandonado, mas ainda assim cuidado e amado por Deus. O profeta mostra-nos como Deus perdoa e renova a aliança apesar da infidelidade do povo:

«Irei tirar-vos de entre os povos, reunir-vos de todas as terras e fazer-vos entrar na vossa terra. Aspergir-vos-ei com água pura e ficareis purificados de todas as vossas impurezas e de todos os vossos ídolos imundos. Dar-vos-ei um coração novo e porei dentro de vós um espírito novo; retirarei do vosso corpo o coração de pedra e dar-vos-ei um coração de carne.» (*Ez 36, 24-26*)

Este perdão divino, contrário à lógica humana do "olho por olho" (*Ez 18, 21-22*), é gratuito e escandaloso, porque não se baseia no mérito, mas no amor incondicional de Deus:

«Se o malfeitor se afastar de todos os pecados que cometeu, se observar os meus preceitos e praticar o direito e a justiça, certamente viverá; não morrerá! De todas as transgressões que cometeu, nenhuma será lembrada contra ele; pela justiça que praticou, ele viverá!» (*Ez 18, 21-22*)

O perdão não é apenas um ato divino, mas também uma experiência humana. Requer reconhecer as nossas falhas, pedir ajuda e caminhar rumo à cura. É uma dádiva que abre as portas à esperança e permite que

o amor e a fidelidade renasçam mesmo no meio das feridas mais profundas.

A história da salvação revela-nos que Deus, no seu amor infinito, nos chama a viver um amor fiel, tal como Ele é fiel:

«Eu, no entanto, recordar-me-ei da minha aliança contigo nos dias da tua juventude, e estabelecerei contigo uma aliança eterna.» (Ez 16, 60)

Deus convida-nos a construir as nossas relações sobre três pilares fundamentais: fidelidade, memória grata e a gratuidade do perdão. Estes pilares sustentam não só o matrimónio, mas também a nossa relação com Ele e com os outros. Assim, descobrimos que o verdadeiro amor não é um sentimento passageiro, mas uma decisão diária, sustentada pela graça de Deus e alimentada pela esperança da aliança eterna.

Palavras do Padre Caffarel

"Mas se souberes perdoar com esse perdão, único e verdadeiro, que consiste em voltar a acolher o outro com total confiança, viverás uma experiência admirável e inesperada. Como a de Oseias, a quem Deus pede que aceite de volta a sua esposa infiel. Quando Oseias o fez com um coração sem reservas, só precisou de recorrer à sua experiência pessoal naquele dia para falar da fidelidade, da ternura e da misericórdia do Senhor para com o seu povo adúltero. Se o profeta não tivesse sabido perdoar, não teria conseguido entrar nos segredos do coração de Deus e não teríamos alguns dos versículos mais comoventes da Bíblia: "Não porei em ação o ardor da minha cólera. Por isso a hei de seduzir (a nação judaica): vou conduzi-la ao deserto e falar-lhe ao coração... Ali ela responderá como nos dias da sua juventude." (Os 2, 16-17) (Henri Caffarel, *Anneau d'Or*, 117-118, *O Matrimónio, Caminho para Deus*, Maio-Agosto de 1964)

Pistas para preparar o dever de se sentar

No ciclo da história de Israel vemos como, perante a infidelidade e o afastamento, Deus apela à conversão e à reconciliação, restaurando a relação.

- Conseguem identificar ciclos semelhantes no vosso matrimónio: momentos de afastamento, de crise ou de rutura, seguidos de um apelo à reconciliação e à renovação? Como foi a experiência desse "regresso ao amor" na vossa relação? O que a sustentou nesses momentos de crise?
- Os profetas ensinam-nos que o amor fiel é sustentado pela memória e pelo perdão, que juntos nos permitem renovar a aliança do amor. Destes três pilares (fidelidade, memória e perdão), qual fortaleceu mais o vosso matrimónio e porquê?
- Em que aspetos sentem que poderiam crescer para que estes pilares estejam mais presentes na vossa vida conjugal?

Reunião da Equipa

Sugestões para o pôr em comum

O pôr em comum é um momento especial para partilhar, numa perspetiva de fé, como Deus age na nossa história conjugal. Focarmo-nos apenas no que nos aconteceu ajuda-nos a conhecermo-nos melhor, mas não nos permite romper o ciclo repetitivo das dificuldades nem aprofundar a experiência de Deus no meio delas.

No que vivemos no nosso matrimónio e na nossa família, em que momentos vimos como "a história se repete", com crises ou distanciamentos, mas também como Deus abre o caminho, chama à conversão e renova a esperança e o amor?

Oração

Façamos um momento de silêncio para nos deixarmos tocar pela promessa de Deus que Isaías nos traz:

“Regozija-te, estéril, tu que não deste à luz,

solta brados de alegria e exulta tu que não tiveste as dores de parto.

Pois os filhos da desamparada são mais numerosos

que os filhos da casada – diz o Senhor”. (Is 54, 1)

Tal como aquela mulher que parecia sem esperança, também nós podemos sentir momentos de abandono, de mágoa, de dor e de vergonha na nossa história familiar e conjugal. Mas o Senhor assegura-nos que não devemos temer nem nos sentirmos humilhados, pois Ele é o nosso Criador e Libertador, que com amor eterno nos reúne e nos restaura.

Peçamos ao Senhor a graça de olhar para a nossa história com os seus olhos, reconhecendo que, mesmo que por algum tempo pareça que nos virou as costas, o seu amor nunca falha nem se cansa. Ele quer ampliar o espaço da nossa tenda, alongar as nossas cordas e fortalecer as nossas estacas, para que a nossa família possa crescer em paz, amor e esperança.

Oração guiada

Podemos rezar em voz alta com uma fórmula simples, por exemplo:

- "Dou graças ao Senhor, nosso Deus de toda a terra, porque no meio das nossas dificuldades Ele estende o Seu amor e esperança..."

- "Peço-lhe a graça de aceitar o seu amor eterno e de nos abrirmos à sua reconciliação, como a mulher que renasce e se alegra na promessa do Senhor..."
- "Confio que Ele transformará as nossas feridas em bênçãos e que a Sua aliança de paz permanecerá para sempre..."

Oração:

Senhor Jesus, tu que és o Deus de toda a terra, que nos amas com amor eterno e que nos reúnes, entra também na história da nossa família.

Dá-nos a graça de não temer, de alargar o espaço do nosso lar e de confiar que Tu és o Libertador que transforma a traição em reconciliação, a vergonha em alegria e a solidão em comunhão.

Faz que as nossas famílias sejam sinais vivos do Teu amor fiel e pacificador, capazes de curar feridas, de parar o mal com o bem e de anunciar que em Ti há sempre um novo começo.

Ámen.

Terminamos a oração com o Pai Nosso

Partilha

Propomos algumas pistas para a partilha, que nos podem ajudar a deixar que Deus transforme as nossas vidas e as nossas relações. À luz deste capítulo do Tema, como é que os pontos concretos de esforço nos ajudam a preservar a unidade e a fidelidade na nossa vida conjugal e familiar, especialmente nos momentos de exaustão, de rotina ou de distanciamento interior?

A escuta da Palavra abre-nos à experiência do amor fiel de Deus, que perdura mesmo no meio da infidelidade e da crise. Através dos profetas,

aprendemos a olhar para o nosso matrimônio e para a nossa família com os olhos de Deus, que nos chama sempre à conversão, à fidelidade e à esperança, transformando a dor em caminho da salvação.

- Durante este mês, de que forma escutar a Palavra nos ajudou a fazer memória do nosso primeiro amor, a recordar de onde viemos e quem nos chamou?
- Permitiu-nos reler alguma situação de infidelidade interior (desânimo, fuga, vida dupla, dureza de coração...)?

A memória grata convida-nos a recordar os momentos de graça e de encontro com Deus na nossa história pessoal e conjugal, fortalecendo o compromisso e a confiança para seguir em frente. A oração conjugal, enquanto espaço sagrado, permite-nos apresentar as nossas mágoas e diferenças, receber a bênção de Deus e aprender a perdoar, fazendo do nosso amor um reflexo do amor incondicional de Deus.

- Como é que a oração conjugal nos ajuda a regressar juntos a Deus quando nos sentimos magoados, cansados ou tentados a desistir?
- Vivemo-lo como um lugar de reconciliação e recomeço?

O dever de se sentar é um momento para quebrar os ciclos de infidelidade, de esquecimento e de ressentimento que por vezes arrastamos connosco. Tal como Oseias ou Jeremias, aprendemos a viver a fidelidade, a memória e o perdão que nos renovam. É um espaço para escutar, partilhar a partir do coração e discernir juntos como Deus quer agir na nossa história de amor e aliança.

- Somos capazes de falar com verdade sobre o que ameaça a nossa comunhão (esquecimento, censuras, silêncios, falta de perdão...) sem medo e sem acusações?
- Que passos concretos vemos que o Senhor nos convida a dar para "regressar à comunhão"?

Questões para o Estudo do Tema

- Já reconheceram na vossa vida familiar ou na vossa vida conjugal algum momento em que, como no ciclo deuteronomista, houve um distanciamento de Deus, mas depois um novo chamamento à fidelidade? Como viveram esse processo?
- O que revela a relação entre o monoteísmo e a monogamia sobre o significado profundo do amor único e fiel no matrimónio? Como o vivem ou gostariam de viver na vossa família?
- Dos três pilares (fidelidade, memória e perdão), qual foi o que mais vos ajudou a enfrentar as dificuldades na vossa relação ou família? Como? Em qual deles sentem que é preciso continuar a crescer? Em que medida? Qual dos três pilares sentem que é mais urgente cuidar hoje no vosso matrimónio e na vossa família? Porquê?
- Depois de refletir sobre a ação de Deus na história e na história da vossa família, que esperança ou confiança gostariam de levar convosco para fortalecer o vosso matrimónio ou família?
- O texto apresenta a história de Israel como uma sucessão de ruturas e de retornos. Em que momentos da vossa vida matrimonial ou familiar reconhecem esta mesma dinâmica? O que vos ajuda a não perder a esperança e a recomeçar?

Capítulo 5 - Comunhão total no Amor⁸

***"Levanta-te! Anda, amiga minha!
Formosa minha, anda daí!" (Ct 2, 10)***

Objetivos

1. Redescobrir o valor sagrado do amor humano
2. Valorizar a sexualidade como dom e caminho de comunhão
3. Aprender a integrar amor, prazer e fertilidade
4. Renovar o olhar da fé no corpo e na relação

Leitura da Palavra *(Ct 2, 10-13)*

*Levanta-te! Anda, amiga minha! Formosa minha, anda daí!
Eis que o inverno já passou, a chuva acabou e foi-se embora.
Despontam as flores sobre a terra, é chegado o tempo dos cantares
e ouve-se a voz da rola na nossa terra.*

*Da figueira brotam já os primeiros figos
e as videiras em flor difundem perfume
Levanta-te! Anda, amiga minha!*

⁸ Recomenda-se que o Cântico dos Cânticos seja lido na íntegra antes da reunião. Não se trata de um estudo exegético detalhado, mas de uma leitura orante e pessoal, permitindo que o texto ressoe na própria experiência de amor, de aliança e de desejo.

Reflexões sobre a Palavra

Introdução

Até agora percorremos os grandes momentos da história da salvação: desde o Génesis até aos Profetas, descobrindo como Deus forma uma família, permanece fiel apesar das nossas infidelidades e nos chama a sempre renovar a aliança.

Hoje vamos debruçar-nos sobre um livro diferente: o Cântico dos Cânticos. Pertence aos Livros Sapienciais ou Poéticos – Job, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Sabedoria e Eclesiástico – onde Israel recolhe a sabedoria aprendida na sua relação com Deus. Quando já não há profetas para falar, o povo aprende a recordar-se e a guardar a palavra recebida, fazendo memória para não esquecer a aliança.

O Cântico dos Cânticos é "*o Cantar por excelência*", o poema mais belo da Bíblia. Embora atribuída a Salomão, a sua linguagem e estilo apontam para uma época posterior. Desde sempre foi considerado um texto inspirado e, na tradição cristã, tem sido lido como uma alegoria do amor entre Deus e o seu povo, e mais tarde entre Cristo e a sua Igreja.

À primeira vista, parece um poema de amor humano: dois amantes que se procuram, que se perdem e se reencontram, exprimindo o seu desejo com imagens da natureza – flores, perfumes, jardins, mel. Mas por detrás dessa linguagem apaixonada esconde-se um mistério divino: o amor de Deus, que procura o homem, que o chama pelo nome e que se une a ele para sempre.

O Cântico dos Cânticos celebra assim a beleza do amor conjugal como sinal do Amor de Deus: um amor fiel, forte e apaixonado, chamado a refletir a aliança eterna entre Cristo e a sua Igreja.

Significado do Cântico dos Cânticos

É curioso que um livro tão curto e tão belo como o *Cântico dos Cânticos* seja, ao mesmo tempo, um dos mais desconhecidos e menos compreendidos da Bíblia. Muitas vezes foram feitas tentativas de "espiritualizar" o seu conteúdo, como se o amor humano – com a sua ternura, desejo e abnegação – não fosse digno de ser considerado sagrado. No entanto, a Palavra de Deus não tem medo de falar do amor humano, porque nele se manifesta o mistério de Deus.

O *Cântico dos Cânticos* não é uma profecia ao estilo de Oseias ou de Ezequiel, onde o Amor de Deus se expressa na relação entre Ele e Israel. Também não é, no seu sentido literal, uma alegoria do noivado de Salomão com a Sabedoria. A sua linguagem é mais direta e humana: fala do amor entre duas pessoas que se procuram, se desejam e se entregam com fidelidade e paixão.

Neste Cântico celebramos o amor fiel e total, o tipo de amor que Israel nem sempre soube viver na sua relação com Deus. O amor humano, quando vivido na verdade e na fidelidade, torna-se assim um sinal visível e eloquente do Amor de Deus.

Já em 1561 Frei Luis de León afirmava que *Cântico* "não quer dizer nada para além do que parece": fala do amor humano em toda a sua profundidade. Se a Bíblia quiser refletir toda a experiência humana, não pode silenciar a linguagem da paixão ou do desejo. No beijo, na busca e na união dos amantes, revela-se algo do anseio divino pela comunhão:

"Que ele me beije com beijos da sua boca!

Pois são melhores que vinho as tuas carícias!" (Ct 1, 2-3)

Assim, o *Cântico dos Cânticos* ensina-nos que o amor humano não é um obstáculo para Deus, mas antes um dos caminhos privilegiados para

compreender o Seu Amor. Na experiência conjugal — tal como na espiritual — o verdadeiro amor une corpo, alma e espírito, tornando visível a ternura de Deus na história concreta de cada casal.

Originalidade do Cântico dos Cânticos

Entre as muitas riquezas oferecidas por este livro, o Cântico dos Cânticos apresenta algumas características de surpreendente originalidade e é profundamente inspirador para compreender o amor humano e a vocação conjugal à luz da fé.

Através de uma linguagem poética e simbólica, o texto revela aspetos essenciais do amor entre o homem e a mulher, que iluminam também a vida dos casais cristãos e a espiritualidade conjugal, carisma das Equipas de Nossa Senhora.

O valor absoluto da mulher

Num mundo antigo onde a voz feminina mal se ouvia, o *Cântico dos Cânticos* irrompe como uma revolução silenciosa. A protagonista é uma mulher livre, que expressa destemidamente os seus sentimentos, os seus desejos e a sua alegria de amar. Não é a musa passiva de outros poemas: é a voz principal da história.

"Eu sou morena, mas formosa, filhas de Jerusalém... Não repareis em mim por ser trigueira: foi o sol que me queimou " (Ct 1, 5-6).

Ela não tem vergonha do seu corpo nem da sua história. Não precisa que os irmãos decidam por ela; sabe quem é e quem ama. As suas palavras e os seus desejos tornam-se um símbolo da dignidade e da liberdade de todas as mulheres, criadas à imagem de Deus.

O *Cântico* proclama, de forma poética e profética, a igualdade radical entre o homem e a mulher: ambos são protagonistas do amor, ambos se procuram e se entregam um ao outro. Na voz do Sulamita ecoa o eco do Génesis: "Deus viu que tudo era muito bom" (*Gn 1, 31*).

Beleza e pureza da sexualidade

Em muitos contextos cristãos, a modéstia tem sido confundida com vergonha. Mas a modéstia, devidamente compreendida, protege a beleza do amor; não a esconde, mas preserva-a da banalidade.

O *Cântico* celebra o corpo humano com uma pureza luminosa e poética, sem cair no puritanismo ou na vulgaridade. É um hino à alegria partilhada entre os esposos que se amam.

*"Como és bela, como és encantadora, ó amada, cheia de delícias!
O teu porte é semelhante a uma palmeira,
e a cachos de tâmaras os teus dois seios..." (Ct 7, 7-10).*

O corpo não é um objeto de comércio nem um instrumento de manipulação, mas um lugar de comunhão e de ternura, um espaço onde se torna visível e verdadeiro. No *Cântico dos Cânticos*, a sexualidade humana surge como uma bênção, uma forma de dizer com o corpo: "Eu pertenço-te e acolho-te como um dom."

União pessoal: equilíbrio entre puritanismo e libertinagem

O *Cântico* canta o amor humano em toda a sua plenitude. A sua linguagem é natural, livre e profundamente humana. Num povo que conheceu o exílio e a dor, este livro ousa dizer que o amor pode reconstruir a vida e redimir o mundo.

Os amantes descobrem a bondade da criação ao contemplar a beleza do outro. A primavera, os jardins e os frutos tornam-se metáforas para a união. O amor, vivido autenticamente, liberta da rigidez do puritanismo e também do vazio da libertinagem.

O *Cântico* ensina-nos que o amor humano, quando é verdadeiro, humaniza e diviniza. Não nos separa de Deus: aproxima-nos d'Ele, porque Deus é Amor. (1Jo 4, 8).

Sexualidade: dom e comunhão

O *Cântico* introduz uma novidade essencial: a sexualidade não se reduz à procriação nem ao "remédio" para a concupiscência. É, acima de tudo, uma expressão do amor interpessoal e do bem dos cônjuges: "Eu sou para o meu amado e é por mim a sua paixão" (Ct 7, 11). "A sua mão esquerda está sob a minha cabeça e a sua mão direita abraça-me" (Ct 8, 3).

Aqui, a sexualidade é dom e comunicação, é linguagem da alma e uma forma profundamente humana de expressar a entrega total do amor. É uma realidade purificada por Deus. O amor humano é assim uma chama divina, um fogo que vem do próprio Deus: "O amor é forte como a morte, as suas brasas são brasas de fogo, a chama do Senhor" (Ct 8, 6). Nada o pode extinguir, nem as águas nem as torrentes (Ct 8, 7). Amar desta forma — com fidelidade, ternura e plenitude— é deixar arder em nós uma centelha do amor eterno de Deus.

O *Cântico dos Cânticos* é, na sua essência, um ato de fé na bondade da criação e no Deus que é Amor. Convida-nos a olhar para o outro com os olhos com que Deus nos olha: com respeito, admiração e ternura.

O amor humano, vivido na verdade, torna-se um sinal visível do amor divino, uma tocha acesa que revela o rosto de Deus no rosto do amado.

A sexualidade, linguagem do amor conjugal

A sexualidade faz parte do plano criador de Deus: não é um complemento, mas uma dimensão essencial da pessoa. Exprime a profunda unidade entre o corpo e o espírito, entre o amor humano e o amor divino. No matrimónio, a sexualidade é chamada a ser sinal e sacramento de comunhão, um espaço onde os cônjuges se entregam totalmente um ao outro e onde o amor se torna fecundo, alegre e fiel.

O aspeto unitivo

A relação sexual é a linguagem mais completa do amor conjugal. Através dela, os cônjuges exprimem a sua entrega total e recíproco de si próprios: corpo, alma e espírito. No ato físico, a entrega interior torna-se visível; os seus corpos exprimem com verdade aquilo que os corações já se tinham prometido: "Pertenço-te, recebo-te, confio em ti."

Esta união não é apenas biológica ou física, mas profundamente espiritual. Cada encontro de amor autêntico renova a aliança do matrimónio, une o que o Senhor uniu e torna presente o mistério de Cristo e da Igreja (Ef 5, 31-32).

O aspeto fecundo

O amor conjugal, quando é verdadeiro, não se fecha sobre si mesmo. A sua maturidade manifesta-se na abertura à vida: o desejo de partilhar o amor recebido ao gerar nova vida, física ou espiritual.

Quando chega uma criança, não é o fim do amor, mas sim o seu fruto. O amor não diz "Quero um filho", mas sim "Quero um filho contigo". E se

esse fruto não vier, a fecundidade pode expressar-se de muitas formas: acolhendo, servindo, acompanhando ou partilhando uma missão.

Assim, o casal aprende que o seu amor não se mede pela descendência, mas pela capacidade de amar e de fazer viver. O amor fecundo abre-se aos outros, transborda, cria comunidade, gera esperança.

O aspeto lúdico

Deus, que é Amor, quis que a união dos cônjuges fosse também fonte de alegria e de ternura.

O prazer que acompanha a entrega mútua não é um fim em si mesmo, mas uma expressão natural de amor quando dado com respeito, generosidade e cuidado pelo outro.

Integrar o desejo na entrega ajuda a que a alegria corporal seja também uma alegria da alma, um reflexo do amor de Deus que "enche de beleza todas as coisas".

Por isso, a sexualidade atinge a sua plenitude no matrimónio, onde o amor foi selado na fidelidade e na entrega total.

Antes do e no matrimónio, a castidade não é negação do amor, mas um caminho de crescimento e de liberdade, uma escola para aprender a amar sem possuir, preparando o coração para uma entrega verdadeira e duradoura.

Palavras do Padre Caffarel

"O amor é uma realidade grandiosa e sagrada, enraizada no mais carnal do nosso ser, mas que deve florescer no mais espiritual. Este amor

humano entre um homem e uma mulher de um pelo outro, mesmo quando ocorra em áreas exteriores, é uma introdução a um amor totalmente interior. Somos feitos de tal forma que o sensorial inicia o espiritual. A sexualidade, tão facilmente difamada, é um incitamento a deixar o egoísmo, uma orientação mútua entre dois seres que corriam o risco de permanecer cada um na sua torre de marfim. Esta atração carnal – claro que quando bem vivida – faz com que as pessoas se encontrem e, pouco a pouco, acedam a um amor de nível cada vez mais elevado, até que esse amor seja completamente banhado pelo amor de Deus que se chama caridade conjugal." (*Anneau d'Or, Novembro-Dezembro de 1958, Rumo a uma espiritualidade do cristão casado*)

Pistas para preparar o dever de se sentar

No Cântico dos Cânticos, a amada e o amado procuram-se, admiram-se, perdem-se e reencontram-se. O seu amor não é perfeito, mas é verdadeiro e apaixonado. Na vossa vida de casal, como cultivam esta busca mútua? Que gestos, palavras ou momentos vos ajudam a reencontrarem-se quando a rotina ou o cansaço extinguem a ternura e o desejo? Há algo que sintam que o Senhor vos convida hoje a "reavivar" no vosso amor?

O Cântico celebra a beleza do corpo e do amor humano como algo querido por Deus. A vossa união é também um reflexo dessa "chama divina" que não se apaga (*Ct 8, 6*). Como vivem a dimensão corporal e afetiva do vosso amor à luz da fé? Em que momentos sentiram que a vossa intimidade vos uniu mais profundamente e vos permitiu experimentar algo do amor de Deus? Como o vivem atualmente?

A sexualidade, vivida no contexto da aliança matrimonial, é uma linguagem de comunhão, de abertura e de doação. Não se reduz ao prazer ou à procriação, mas expressa a plenitude do amor do casal. No

vosso caminho, como descobrem o equilíbrio entre o desejo de amar e o desejo de ser amado? Que passos concretos poderiam dar para tornar o vosso relacionamento sexual mais plenamente uma expressão do amor fiel, terno e fecundo de Deus? Somos capazes de falar com verdade e respeito sobre a nossa vida afetiva e sexual, sobre os nossos desejos, dificuldades ou cansaços, sem medo ou censuras? Que frutos vemos quando o fazemos com fé? O que descobrimos ou redescobrimos sobre a nossa forma de expressar o nosso amor na relação sexual?

Reunião da Equipe

Sugestões para o pôr em comum

O pôr em comum é um momento de graça para partilhar como o Senhor está presente no amor humano, na ternura e comunhão dos nossos casais. O Cântico dos Cânticos recorda-nos que o amor verdadeiro, humano e sensível pode ser o lugar onde Deus se revela e nos fala. Por isso, ao partilhar, podemos focar-nos nos momentos deste mês em que sentimos a presença de Deus no nosso amor humano.

Oração

Façamos um momento de silêncio para nos deixarmos envolver pela ternura do Senhor, que nos diz no Cântico dos Cânticos:

*"Levanta-te! Anda, amiga minha! Formosa minha, anda daí!
Eis que o Inverno já passou, a chuva acabou e foi-se embora.
Despontam as flores sobre a terra" (Ct 2, 10-12).*

Tal como no despertar da Primavera, também o nosso amor é chamado a ser renovado todos os dias. Há Invernos na vida de um casal –

momentos de cansaço, de rotina ou de distância – mas Deus convida-nos a levantarmo-nos e a voltar a sair ao encontro do outro com a mesma paixão do início, com uma ternura madura que sabe perdoar, esperar e alegrar-se.

Peçamos ao Senhor a graça de redescobrir no nosso casal a beleza e a alegria de nos amarmos como Ele nos ama: com um amor livre, fiel, fecundo e cheio de esperança. Que os nossos corpos, as nossas palavras e os nossos gestos sejam um reflexo do Seu amor criador, uma fonte de comunhão e de louvor.

Podemos rezar em voz alta com uma fórmula simples, por exemplo:

- "Dou-te graças, Senhor, pelo amor que nos une e pela Tua presença que o torna fecundo e fiel."
- "Peço-Te, Senhor, que renoves em nós a alegria de nos olharmos com amor como no princípio e de Te descobrirmos dia-a-dia nas nossas vidas."
- "Ofereço-Te, Senhor, a nossa vida conjugal: faz do nosso amor um sinal visível da Tua ternura no mundo."

Rezamos todos:

Senhor Jesus, Esposo e Amigo, Tu que revelaste no amor humano um reflexo do Teu próprio amor, faz do nosso matrimónio um jardim onde floresçam a ternura, a fidelidade e a alegria.

Ensina-nos a amarmo-nos com amor paciente e generoso, a valorizar os pequenos gestos que fortalecem a união e a reconhecer no outro o teu rosto amável e próximo.

Que o Teu Espírito renove em nós a paixão e a ternura, para que possamos testemunhar que o verdadeiro amor não se extingue nem se esgota, “pois o amor é forte como a morte” (Ct 8, 6). Ámen.

Terminamos a oração com o Pai Nosso

Partilha

Aqui ficam algumas pistas para a partilha, que nos podem ajudar a deixar que Deus transforme as nossas vidas e relações.

O Cântico dos Cânticos convida-nos a redescobrir o amor humano como um espaço onde Deus se revela. Através da Palavra, da oração, do diálogo e de pequenos compromissos de vida, aprendemos a cuidar da "chama do amor" que o Senhor acendeu no nosso matrimónio.

A escuta da Palavra de Deus. O Cântico dos Cânticos é uma Palavra de amor que Deus nos dirige, mostrando-nos a sua ternura através da linguagem humana do desejo, da beleza e da comunhão. Escutar esta Palavra ajuda-nos a olhar para o nosso marido ou mulher com um olhar novo, grato e cheio de fé, descobrindo no outro um dom e um mistério. De que forma a escuta da Palavra nos ajudou a purificar a nossa perspetiva sobre o amor, o corpo e a sexualidade?

Através da oração conjugal, o amor humano, com a sua ternura e desejo, pode tornar-se oração quando o oferecemos a Deus. Na oração conjugal apresentamos a nossa vida afetiva, as nossas alegrias e fragilidades, permitindo que o Espírito renove a nossa união. Convidamos-vos a concluir a vossa oração conjugal deste mês rezando juntos: "Põe-me como um selo sobre o teu coração" (Ct 8, 6), pedindo ao Senhor que fortaleça o vosso vínculo e vos ensine a amar fielmente.

A Regra da Vida, entendida como aquele pequeno passo concreto que nos ajuda... pode tornar-se um gesto mais consciente de ternura, uma palavra amável em vez de uma censura, um tempo reservado a sós para partilhar ou um compromisso de rezar juntos com mais fidelidade. Não se trata de fazer mais coisas, mas de viver com mais amor.

Questões para o Estudo do Tema

O *Cântico dos Cânticos* convidou-nos este mês a redescobrir a beleza do amor humano em todas as suas dimensões: espiritual, afetiva e física. Aos olhos de Deus, a sexualidade não é um tabu nem algo profano, mas uma linguagem sagrada que expressa o dom total de duas pessoas que se amam. Este tempo de reflexão e oração pode ter-nos ajudado a reconhecer aspetos da nossa vida conjugal que precisam de ser renovados, reconciliados ou celebrados com gratidão.

Propomos algumas questões para partilhar com base na experiência vivida durante o mês:

O Cântico mostra-nos um amor que procura e que se deixa encontrar.

Como é que isso nos ajudou a melhorar a intimidade, a ternura e a comunicação profunda enquanto casal?

A sexualidade é uma linguagem do amor.

O que descobrimos ou redescobrimos sobre a forma como expressamos sexualmente o nosso amor? Que aspeto deste capítulo nos ajudou a conciliar fé e corporalidade, amor humano e amor a Deus?

O amor conjugal é chamado a ser fecundo.

Para além da fertilidade biológica, o tema ajudou-nos a reconhecer a fecundidade do nosso amor? Em que medida? Como nos podemos abrir mais a uma fecundidade espiritual que transforma o que nos rodeia? Descobrimos algum chamamento concreto para cuidar melhor da

comunhão plena no nosso casal? No respeito, na ternura, na escuta, no desejo ou na abertura à vida?

Capítulo 6 - A Família, coração do Reino

"Pois todo aquele que fizer a vontade de meu Pai... esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe." (Mt 12, 50)

Objetivos

1. Redescobrir nos Evangelhos o rosto familiar de Deus.
2. Compreender como Jesus reposiciona a família e reconhece em Maria e José modelos de vocação familiar.
3. Aprender a viver a família como Igreja doméstica.

Leitura da Palavra *(Lc 2, 39-52)*

Depois de terem cumprido tudo o que está prescrito na Lei do Senhor, regressaram à Galileia, para a sua cidade de Nazaré. Entretanto, o menino ia crescendo e fortalecia-se, enchendo-se de sabedoria. E a graça de Deus estava sobre Ele.

Os seus pais iam todos os anos a Jerusalém para a Festa da Páscoa. E, quando Ele fez doze anos, subiram até lá como era costume na festa. Quando eles regressavam a casa, passados os dias festivos, o menino Jesus ficou em Jerusalém sem que os seus pais o soubessem.

Pensando que Ele estava na caravana, percorreram um dia de caminho. Puseram-se, então, a procurá-lo entre os parentes e conhecidos e, não o tendo encontrado, regressaram a Jerusalém à sua procura.

Encontraram-no três dias depois no templo, sentado no meio dos mestres, a ouvi-los e a fazer-lhes perguntas. Todos os que o ouviam estavam espantados com a sua inteligência e as suas respostas.

Ao vê-lo, ficaram perplexos, e sua mãe disse-lhe: «Filho, porque nos fizeste isto? O teu pai e eu andávamos aflitos à tua procura». Mas Ele respondeu-lhes: «Por que me procuráveis? Não sabíeis que era necessário que Eu estivesse na casa de meu Pai?». Mas eles não entenderam o que lhes disse.

Desceu, então, com eles; foi para Nazaré e era-lhes submisso. Sua mãe conservava todas estas palavras no seu coração. E Jesus ia crescendo em sabedoria, em idade e em graça, diante de Deus e dos homens.

Reflexões sobre a Palavra

Introdução

Depois de percorrer o Antigo Testamento, descobrimos como a família aparece como o fio invisível que une toda a história da salvação. Nos patriarcas vimos como Deus chama um homem e uma mulher — Abraão e Sara — para que os seus descendentes formassem um povo.

Agora, ao mergulharmos nos Evangelhos, a revelação atinge a sua plenitude: o próprio Deus entra numa família humana. O mistério da Encarnação decorre no aconchego de um lar, no “sim” de Maria, na obediência de José, na casa de Nazaré. Não é uma coincidência: ao tornar-se homem, o Filho de Deus escolhe a família como o seu primeiro templo, a sua primeira escola e a sua primeira comunidade de amor.

A família de Nazaré torna-se assim a síntese e o cumprimento de todo o Antigo Testamento: o lar onde Deus habita, onde a Sua Palavra se faz carne, onde a Aliança se renova no silêncio da vida quotidiana. Aí Jesus

cresce, aprende a chamar "Abba" a Deus, experimenta o amor humano e prepara-se para revelar ao mundo o rosto do Pai.

Nos Evangelhos, a perspetiva de Jesus sobre a família é surpreendente e inovadora. Não a idealiza, mas também não a nega. Purifica-a, abre-a, expande-a. Jesus assume a realidade familiar do seu tempo – com as suas luzes e as suas sombras – mas ilumina-a a partir de dentro com a verdade do Reino. Em contraste com uma conceção fechada, baseada em laços de sangue, de honra ou de lei, Jesus revela uma família fundada na escuta da Palavra e no cumprimento da vontade de Deus (*Mc 3, 35*).

Desta forma, a família já não é apenas o lugar a que se pertence por nascimento, mas o espaço onde se aprende a amar e a servir como filhos e filhas de um mesmo Pai.

Os Evangelhos mostram-nos que Jesus vive e age em família: partilha a vida de Nazaré, participa em casamentos e refeições, entra nas casas dos doentes e dos pecadores, consola mães que choram, devolve os filhos aos seus pais, reconcilia irmãos. Nos seus gestos diários, Jesus devolve à família a sua dignidade original: ser lugar de encontro com Deus, de ternura e de reconciliação.

À luz desta chave, os Evangelhos revelam-se como um Evangelho autêntico da família. A casa de Nazaré, as casas de Betânia, a mesa de Zaqueu, o casamento em Caná, a viúva de Naim, a parábola do filho pródigo, as crianças acolhidas e abençoadas por Jesus... todos são rostos e cenários do mesmo mistério: Deus quer habitar entre nós como numa família, como sinal visível do Reino de Deus.

O Contexto familiar no tempo de Jesus

Jesus nasceu e cresceu numa época marcada por grandes alterações sociais, económicas e religiosas.

Depois do domínio Asmoneu vieram os romanos e, com eles, uma profunda crise económica e política. A instabilidade foi agravada por desastres naturais, fomes e desigualdades, de que resultou uma sociedade com três grandes grupos familiares:

- 10% das famílias abastadas e alargadas, com poder e trabalhadores domésticos.
- A maioria (75%) eram famílias simples, camponeses ou artesãos, que viviam em casas de adobe, partilhando pátios e recursos mínimos.
- Uma parcela marginalizada de 15%, composta por escravos, doentes, viúvas, órfãos, deserdados... sem lar nem família.

Jesus viveu entre os pobres e os marginalizados e foi precisamente com eles que teve maior proximidade.

O mundo esperava pela intervenção de Deus, uma salvação "do alto." É nesse clima de esperança apocalíptica e de vulnerabilidade humana que se situa a mensagem de Jesus.

A experiência familiar de Jesus

Jesus conhecia as alegrias e as tristezas da família. Viveu em Nazaré, numa casa simples, onde aprendeu o amor e a fé. A sua relação com Maria e José marcou-o profundamente: nessa casa descobriu o que significa chamar "Abba", Pai, a Deus.

Mas também conheceu o sofrimento familiar: a provável morte de José, a perplexidade dos seus familiares, a solidão da sua missão.

Por isso, Jesus compreende a dor das famílias desfeitas e se aproxima com ternura daqueles que sofrem.

A perspetiva de Jesus sobre a família não é moralizadora. Jesus entra nas

casas, não para examinar a vida das famílias, mas para as curar por dentro. Em Cafarnaum cura a sogra de Pedro (*Mc 1, 29-31*), em Nain devolve o filho à viúva (*Lc 7, 11-17*), em Betânia acolhe a amizade de Marta, Maria e Lázaro (*Jó 11*). Cada gesto seu restaura a vida familiar: cura o corpo, mas também cura as feridas da alma e das relações.

A sua palavra e a sua presença restauram o que estava quebrado: o perdão entre irmãos, a reconciliação entre pais e filhos, a esperança para aqueles que perderam os seus entes queridos. Como profetiza Malaquias (*Ml 3, 24*): "Ele reconduzirá o coração dos pais aos filhos e o coração dos filhos aos seus pais". Jesus cumpre essa promessa.

Jesus também liberta a família das amarras culturais... para que deixe de ser um espaço fechado ou autorreferencial e se torne um lar aberto, inclusivo e compassivo.

Vê também a família como a semente do Reino, chamada a refletir a própria comunhão de Deus. Nas suas palavras e gestos, convida-nos a construir relações baseadas não em laços de sangue ou de mérito, mas na escuta da Palavra e da vontade do Pai (*Mc 3, 31-35*). Desta forma, alarga o horizonte da família: da casa de Nazaré para a grande família dos filhos de Deus, a Igreja.

Jesus dignifica os membros da família

O pai

Na figura de São José, a família encontra um modelo de fidelidade, de confiança e de entrega silenciosa. Com um coração de pai — tal como o Papa Francisco o apresenta em Patris Corde — José ensina que a autoridade não consiste em dominar, mas em servir. A sua paternidade é criativa e responsável: acolhe o mistério de Maria e do Menino com fé obediente, enfrenta as dificuldades com esperança e procura novos

caminhos quando tudo parece fechado. Assim, revela que o essencial na vida familiar não é o sucesso ou o controle, mas a fidelidade ao amor recebido e confiado por Deus.

Ao mesmo tempo, José é um guardião da ternura e um mestre do discernimento. O seu silêncio está repleto de escuta e de oração; a sua fortaleza, tecida de mansidão. Nele aprendemos que cada família pode ser uma "Nazaré": um lugar onde Deus habita na simplicidade, no trabalho diário e em gestos de amor silencioso. São José, um homem justo e obediente ao Espírito, continua a mostrar às famílias de hoje o caminho da confiança, do cuidado mútuo e da fé encarnada na vida quotidiana.

A mãe

Maria é o rosto maternal da fé. Nela a família descobre que ser mãe não é apenas dar a vida biológica, mas também acolher e acompanhar o mistério do outro com amor fiel e esperançoso. Maria concebe Jesus na carne, mas acima de tudo na fé: a sua maternidade nasce de escutar a Palavra, de a guardar e de lhe dar vida. Por isso ela é um modelo para cada mãe e para cada comunidade crente: ensina-nos a gerar Cristo no meio da história e a sustentar a vida quando tudo parece incerto.

A sua maternidade é também uma escola de compaixão e de força. Maria educa no silêncio de Nazaré, acompanha no caminho da Cruz e permanece próxima da vida que renasce na Ressurreição. Não protege para reter, mas para libertar; não guarda para possuir, mas para confiar. Nela, a família aprende que o verdadeiro amor não aprisiona, mas impulsiona; não teme a dor, mas transforma-a em esperança. Maria é assim o protótipo de mãe e uma figura da Igreja, aquela que dá à luz e cuida, aquela que sustenta a fé dos seus filhos e os lança a viver o Evangelho no mundo.

Os filhos

Na Sagrada Família, Jesus revela o imenso valor dos filhos. Numa cultura em que as crianças eram largamente negligenciadas, Ele coloca-as no centro, abençoa-as e acolhe-as. Na casa de Nazaré, o Filho eterno aprende a ser uma criança humana, a crescer em obediência, liberdade e sabedoria. Os filhos não são propriedade ou projeto dos pais, mas um dom que Deus lhes confiou, um espelho da sua ternura e uma promessa de futuro.

Jesus, ao dizer "o Reino de Deus é dos que são como eles", recorda-nos que as crianças ensinam aos adultos o caminho do Evangelho: a confiança que se abandona, a alegria que se renova, a simplicidade que acolhe. Em todas as famílias, os filhos ajudam a manter viva a esperança e a purificar o amor, porque a sua presença leva os pais a saírem de si próprios e a abrirem-se ao dom da vida. Assim, o filho de Nazaré e os filhos de cada lar são uma memória viva de que o Reino pertence àqueles que o sabem receber com um coração humilde.

Jesus redefine o significado da família

À primeira vista, algumas afirmações de Jesus podem parecer exigentes ou até desconcertantes: "Quem ama o pai ou a mãe, mais do que a mim, não é digno de mim" (*Mt 10, 37*); "Deixa que os mortos sepulquem os seus mortos" (*Lc 9, 60*). Porém estas palavras não são uma rejeição da família, mas sim um apelo para a libertar dos absolutismos. Jesus não destrói o laço familiar: purifica-o, ordena-o e abre-o ao amor de Deus. Só o Pai pode ocupar o centro absoluto da existência; tudo o resto — incluindo a família — é compreendido a partir d'Ele e em referência a Ele.

Em Nazaré, Jesus viveu a beleza quotidiana do lar: "E Jesus ia crescendo

em sabedoria, em idade e em graça, diante de Deus e dos homens" (*Lc 2, 52*). Aí aprendeu a obediência e a ternura, o trabalho e a dedicação silenciosa. Mas a sua missão levou-o para além dos limites do parentesco: formar uma nova família, a daqueles que "ouvem a palavra de Deus e a põem em prática" (*Lc 8, 21; Mc 3, 35*).

Jesus não se afasta da família: renova-a através do Evangelho. Defende a fidelidade conjugal (*Mt 19, 3-9*), não como uma regra rígida, mas como uma expressão de uma verdadeira comunhão que respeita a dignidade de ambos os cônjuges, especialmente da mulher, tantas vezes relegada no seu tempo. Prega nas casas, come com as famílias, entra nas suas histórias e nas suas feridas. Envia os seus discípulos com uma saudação familiar: «Quando entrardes numa casa, dizei primeiro: “Paz a esta casa!”» (*Lc 10, 5*). No seu ministério, o lar torna-se um local de encontro, de fé e de missão.

Na sociedade do tempo de Jesus, a família era construída sobre laços de sangue, de património e de honra. Jesus propõe outro fundamento: um único Espírito que une, uma única promessa, uma única história de salvação. A pertença já não é determinada pelo nascimento, mas sim pela fé. "Pois todo aquele que fizer a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe" (*Mt 12, 50*). Os laços do Espírito alargam os da carne e abrem-se a uma fraternidade universal.

Desta forma, a família torna-se um meio, não um fim: uma escola de partida, de dedicação, de serviço ao Reino. Em Nazaré, aprende-se a amar; na vida pública, aprende-se a dar esse amor. A família é verdadeiramente cristã quando forma pessoas livres, capazes de amar e de servir, quando nos ensina a viver diante de Deus e abertos ao mundo.

Como recorda o Papa Francisco, "a alegria do amor que se vive nas famílias é também o júbilo da Igreja" (*Amoris Laetitia, 1*). As sociedades fortes são construídas sobre famílias fortes.

Palavras do Padre Caffarel

"Mas Deus não espera que a união do homem e da mulher seja apenas uma imagem da união de Cristo e da Igreja. Quer que ela esteja ao serviço desta união para contribuir para a sua plenitude. Também nesta perspectiva, a união de José e Maria domina todas as outras. É nela que Cristo nasce e faz a sua entrada na história da humanidade. É também nela, como na sua origem, que a Igreja começa; é nela que Cristo finalmente inaugura, com a sua Igreja, uma intimidade que não terá fim. Sim, a união de José e Maria já é a Igreja, porque é a primeira comunidade humana salva por Cristo, a primeira a ser entregue à ação do seu amor transformador, desde o primeiro dia e ao longo dos longos anos de vida em comum.

Contemplemos este homem e esta mulher que ao anoitecer acabaram de jantar com o filho adulto. Escutam atentamente como "começando em Moisés e passando por todos os Profetas, lhes explicou o que, em todas as Escrituras, lhe dizia respeito " (Lc 24, 27); com ele, ficam em silêncio, adoram o Pai que está nos céus; com ele, intercedem pelo imenso mundo. É a Igreja primitiva, é o mistério da Igreja, da união de Cristo e da Igreja. Ficou então visível aquilo que devemos aceitar sem ver: a presença de Cristo no meio dos seus. Mas então esta Igreja nascente era perfeitamente santa: os seus membros não eram cúmplices do mal — mesmo que José não tivesse, como Maria, sido preservado do pecado original e das suas consequências. Além disso, estavam completamente entregues à torrente de graça que, por antecipação, lhes vinha daquela cruz para a qual o seu filho caminhava. A união de José e Maria permanece para o cristianismo como a grande referência: a Igreja vislumbra o que deve ser e fazer ao contemplar como José e Maria se comportavam para com Jesus. Esta união é também uma referência para todos os lares porque cada lar cristão deve ser, seguindo

o exemplo do de Nazaré, uma imagem, uma nova realização, uma manifestação da santidade da união de Cristo e da Igreja." (*Henri Caffarel, Anneau d'Or, Número 123-124, Maio-Agosto de 1965, Edição especial. Não tenhas medo de receber Maria, tua esposa*).

Pistas para preparar o dever de se sentar

Nos Evangelhos, a família de Nazaré aparece como um lar simples onde Deus habita no quotidiano. Maria, José e Jesus vivem o amor, a obediência e a fé no meio do trabalho, das preocupações e da alegria de cada dia. No vosso lar, como descobrem a presença de Deus nas pequenas coisas, nas tarefas diárias, na educação dos filhos, nos cuidados dos netos, nos momentos de cansaço ou de paz? Que sinais concretos vos ajudam a reconhecer que a vossa casa também pode ser uma Nazaré, um lugar onde Deus se aproxima?

Jesus, tendo crescido em Nazaré, aprendeu a amar, a ouvir, a obedecer e a servir. Mas a sua missão levou-o mais longe, ao ponto de expandir os laços familiares para incluir todos os que fazem a vontade do Pai (*Mc 3, 35*). Nas vossas vidas, como sentem que a vossa família é chamada a abrir-se aos outros, a acolher, a servir, a partilhar? Que lugar ocupa a solidariedade, a hospitalidade ou a partilha na comunidade no vosso modo de vida enquanto casal e família cristãos?

Jesus não anula a família, renova-a. Liberta-a do egoísmo e encaminha-a para o Reino. Ensina que a família não é um fim em si mesma, mas uma escola de amor que nos impulsiona a sair de nós próprios. Que aspetos da vossa vida familiar precisam de "reavaliar" à luz do Evangelho? O que vos pede o Senhor para que a vossa família não se feche sobre si mesma, mas para que seja um sinal de comunhão e um lar aberto à vontade de Deus?

Reunião da Equipe

Sugestões para o pôr em comum

Nesta reunião, queremos contemplar a luz que emana da Sagrada Família e descobrir como Jesus, Maria e José nos ensinam a viver o Evangelho nas nossas próprias famílias: na escuta mútua, na paciência, no perdão e na abertura à vontade de Deus.

No pôr em comum podemos focar-nos em como, durante este tempo, sentimos a presença de Deus no nosso lar nos momentos de alegria ou de dificuldade e como o exemplo de Nazaré ilumina as nossas vidas.

Oração

Façamos um momento de silêncio para entrar no lar de Belém, esse lugar simples onde Deus quis nascer e deixemo-nos iluminar pela Palavra que nos diz:

Leitura do Evangelho segundo S. Lucas (Lc 2, 1-7)

Naqueles dias, saiu um decreto de César Augusto para ser recenseado todo o mundo habitado. Este primeiro recenseamento realizou--se quando Quirino era governador da Síria. E todos se foram recensear, cada qual à sua própria cidade. Também José subiu da Galileia, da cidade de Nazaré, até à Judeia, à cidade de David, chamada Belém, por ser da casa e da linhagem de David, a fim de se recensear com Maria, sua esposa, que estava grávida. Enquanto ali se encontravam, completaram-se os dias de ela dar à luz. E deu à luz o seu Filho primogénito; envolveu-o em panos e reclinou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria.

Leitor: Senhor, Tu entras na nossa história sem fazer ruído, no caminho, na precariedade, numa família que confia.

Todos: Faz com que sejamos capazes de Te reconhecer no simples e no quotidiano.

Leitor: José e Maria não conseguem encontrar um lugar, mas não desistem nem se revoltam: aceitam a realidade e seguem em frente.

Todos: Ensina-nos a confiar quando não compreendemos os Teus caminhos.

Leitor: Jesus nasce numa família pobre, numa casa que não tem tudo, mas oferece-a toda.

Todos: Faz das nossas famílias um lugar onde Tu possas nascer.

Leitor: Em Belém, a família torna-se a primeira Igreja, um lugar de acolhimento, de fé e de esperança para o mundo.

Todos: Que os nossos lares sejam casas abertas e sinal do Teu Reino.

Podemos acrescentar espontaneamente breves pedidos ou ações de graças.

Tal como Maria, queremos aprender a ler o que vivemos não pelo medo, mas por ações de graças e de louvor, por isso, unidos a ela e a todos os equipistas do mundo, elevemos o nosso louvor ao Senhor: A minha alma glorifica o Senhor...

Partilha

À luz deste capítulo do Tema:

- Como é que os pontos concretos de esforço nos ajudam a viver a nossa família como um lugar onde o Reino de Deus está presente, em especial nas coisas simples e quotidianas?

Ao contemplarmos a vida da Sagrada Família em Nazaré, impressiona-nos descobrir que Deus escolheu revelar-se na rotina do dia a dia: no trabalho, na obediência, no crescimento lento e silencioso. Jesus vive submisso aos seus pais e Maria conserva todas estas coisas no seu coração (*Lc 2, 51-52*). Não há gestos extraordinários, mas tudo está repleto de Deus.

Em Maria descobrimos que guardar coisas no coração é uma forma de escutar profundamente a Palavra de Deus, mesmo quando não a compreendia totalmente. O seu coração é o lugar onde a Palavra não é julgada nem controlada, mas sim acolhida e deixada a amadurecer com o tempo. Assim, escutar torna-se fé e a fé torna-se vida quotidiana.

- De que forma a escuta da Palavra nos ajudou este mês a manter no nosso coração algum aspeto da nossa família? Ajudou-nos a valorizar mais o lugar e a dignidade de cada membro da família?

Através da oração conjugal, nós, tal como Maria e José, apresentamos ao Senhor aquilo que vivemos, o que nos traz alegria e o que nos perturba, sem pressa de compreender tudo. Neste mês, somos convidados a concluir a nossa oração conjugal colocando a nossa família nas mãos do Pai e a pedir a graça de ouvir a sua vontade e de a acolher com confiança como em Nazaré.

- Isto ajudou-nos a apresentá-la ao Pai tal como ela é, com os seus cansaços, tensões e alegrias? Ajudou-nos a reconhecer a nossa família como um dom de Deus?

A Regra da Vida pode ajudar-nos a viver o nosso lar como uma Nazaré diária, os pequenos passos que podemos dar irão configurando o nosso lar como uma verdadeira Igreja doméstica, um sacramento do amor de Deus aberto à sua vontade e ao serviço do Reino.

- Poderíamos estabelecer uma regra de vida este mês que sirva para ajudar, em algum aspeto concreto, alguém que na nossa família mais precise neste momento?

Questões para o Estudo do Tema

Certamente todos nós já vivemos experiências familiares, ou conhecemos em primeira mão experiências de outras famílias que podem ser desanimadoras ou desmotivantes quando se trata de transmitir nas nossas próprias famílias estes valores de luz, de verdade e de fidelidade a que somos chamados. Ao mesmo tempo, reconhecemos certamente estas virtudes no ambiente que nos é imediatamente mais próximo. Analisando ambos os cenários:

- Que momento guardam nos vossos corações como um tesouro da vida familiar em que a presença de Cristo se tornou cristalina para todos ou para alguns membros das vossas famílias?
- Já tiveram alguma experiência de alargamento dos horizontes familiares em que outras pessoas, sem laços de sangue com a vossa família, tornaram presente o amor de Cristo no vosso círculo mais próximo?
- Consideram que alguma das experiências que recordaram poderia ajudar uma família que conheçam e que precisa de um pouco de luz neste momento?

Capítulo 7 - A família evangelizadora

"Paulo... à Igreja que se reúne em tua casa" (Flp 1, 2)

Objetivos

1. Descobrir a novidade do Evangelho no ensinamento de São Paulo sobre a família.
2. Reconhecer a família como uma Igreja doméstica, a primeira comunidade de fé e de amor.
3. Aprofundar o amor como um dom que molda todas as relações familiares.
4. Compreender os textos de São Paulo sobre o matrimónio na perspectiva da doação mútua em Cristo.

Leitura da Palavra *(1Cor 13, 1-10)*

Ainda que fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, sou como um bronze que ressoa ou um címbalo que retine. Ainda que tenha o dom da profecia e conheça todos os mistérios e toda a ciência, ainda que tenha a plenitude da fé, ao ponto de mover montanhas, se não tiver amor, nada sou. Ainda que distribua todos os meus bens e entregue o meu corpo para me poder gloriar, se não tiver amor de nada me serviria. O amor é paciente, o amor é bondoso; não é invejoso, não é soberbo nem arrogante; nada faz de vergonhoso, não procura o próprio interesse, não se irrita, nem guarda ressentimento; não se alegra perante a injustiça, mas rejubila com a verdade; tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, a tudo resiste. O amor jamais passará. As profecias hão de acabar, as línguas

calar-se-ão e o conhecimento desaparecerá. Pois é parcialmente que conhecemos e parcialmente que profetizamos; mas quando vier o que é perfeito, o que é parcial há de acabar.

Reflexões sobre a Palavra

Introdução

Ao longo de toda a nossa caminhada pela história da salvação, contemplámos como o Amor de Deus se revela e se encarna na vida humana: desde a criação, onde homem e mulher são chamados a refletir a sua imagem na comunhão; passando pela aliança, onde Deus se compromete com o seu povo como um esposo fiel; até chegar à plenitude do amor em Cristo, que se entrega pela humanidade e renova todas as relações humanas.

Neste percurso descobrimos que a família não é apenas uma realidade natural, mas uma vocação divina, um lugar teológico onde o Amor de Deus se torna visível e credível. No Cântico dos Cânticos, esse amor humano é revelado como um espaço onde Deus se manifesta.

Com São Paulo, damos agora mais um passo: entramos na fase da Igreja nascente, onde o Evangelho começa a transformar os lares e as relações familiares a partir de dentro. São Paulo não escreve tratados sistemáticos, mas nas suas cartas – nascidas no meio de comunidades concretas, com as suas luzes e as suas tensões – encontramos uma visão profunda do amor e da família à luz de Cristo.

Paulo compreende que o Evangelho não destrói a vida quotidiana, mas que a transfigura. A sua mensagem penetra as estruturas mais básicas do mundo antigo — o lar, o matrimónio, as relações entre pais e filhos, senhores e servos — para os encher com o Espírito de Cristo. Assim, a

família, que era a célula social fundamental do Império Romano, torna-se gradualmente uma "Igreja doméstica", onde se aprende o amor como dom e serviço e onde cada relação encontra a sua medida em Cristo.

São Paulo

Paulo, um judeu da diáspora, educado na cultura helenística e cidadão romano, podia circular livremente pelas cidades do Mediterrâneo. Os seus horizontes eram amplos, mas o seu coração permanecia enraizado na fé de Israel. Tudo muda radicalmente no seu encontro com Cristo no caminho para Damasco: aí compreende que o Crucificado, aquele que parecia amaldiçoado, é na realidade o Messias e o Filho de Deus. Esta experiência pascal abre-lhe os olhos e renova a sua mente: já não vê Deus sob a perspectiva da lei, mas sob a da graça; já não concebe a salvação como mérito humano, mas como um dom gratuito de Amor. Nesse encontro, descobre que a força de Deus se manifesta na fraqueza e que a cruz reordena toda a escala dos valores humanos.

A partir de então, a sua visão da humanidade tornou-se radicalmente nova: "Não há judeu nem grego, não há escravo nem homem livre, não há homem e mulher, pois todos vós sois um só em Cristo Jesus" (*Gl 3, 28*). Esta afirmação está no cerne da sua compreensão da Igreja como uma nova família universal, nascida do batismo e sustentada pela graça. Em Cristo, as divisões sociais, étnicas ou familiares são relativizadas, porque surge um novo tipo de fraternidade: a dos filhos e filhas de Deus.

Na sua missão apostólica — que teve Corinto e Éfeso como principais centros — Paulo encontrou uma sociedade plural e fragmentada: mercadores, filósofos, artesãos, escravos, famílias de diferentes origens.... Ali, no meio deste mosaico humano, o Apóstolo do Evangelho anuncia uma Boa Nova que não só transforma as crenças, mas também as formas de convivência e os laços familiares. A sua proposta não

consiste numa nova moral, mas numa humanidade renovada em Cristo. Por conseguinte, diante do "lar" – o núcleo social da época e símbolo de toda relação humana – Paulo oferece um horizonte renovado: o lar torna-se uma pequena Igreja doméstica, um lugar de comunhão, de serviço mútuo e de transmissão da fé.

Nas suas cartas, especialmente aos Efésios, Colossenses, Coríntios e Filipenses, encontramos as chaves desta visão: a família não se funda apenas no sangue, mas no Espírito; não é regida pela lei do poder, mas pela lógica do amor que se entrega; não procura o sucesso ou a perfeição, mas a fidelidade e a comunhão. Neste sentido, a Igreja, o corpo de Cristo, é a grande família onde cada família cristã encontra o seu sentido e a sua missão: ser um reflexo do Amor de Deus, um espaço de reconciliação e uma antecipação do Reino.

A casa/família: a *ecclesia domestica*

No mundo antigo, a casa (*oikos*) era o coração da vida social. Não era apenas um lar privado, mas uma unidade económica, educativa e religiosa, onde se entrelaçavam relações de parentesco, de trabalho e de fé. O *pater familias* era o garante da ordem e do culto doméstico e detinha uma autoridade quase absoluta sobre todos os membros.

Neste contexto, a casa era o núcleo estrutural do Império e da sociedade greco-romana. Questionar a sua ordem patriarcal era visto como uma ameaça ao equilíbrio social. Paulo, no entanto, escolhe um caminho surpreendente: não destrói o lar, mas evangeliza-o. Ao proclamar Cristo nos lares, transforma esse espaço quotidiano num lugar teológico, uma célula viva do novo Povo de Deus.

Quando chega a uma cidade, Paulo não inicia a sua missão construindo templos ou fundando instituições, mas procurando lares abertos à fé.

Neles prega, ora, celebra a fração do pão e estabelece comunidades que se reúnem *"em casa de..."* Áquila e Priscila, Febe, Filémon ou Ninfa são alguns exemplos destes anfitriões e líderes das primeiras comunidades.

"Saúdam-vos as Igrejas da Ásia. Saúdam-vos calorosamente no Senhor, Áquila e Priscila, juntamente com a Igreja que se reúne em sua casa." (1Cor 16, 19). "Ao amado Filémon, nosso colaborador, à irmã Ápia, a Arquipo, nosso companheiro de combate, e à Igreja que se reúne em tua casa" (Flm 1, 1-2).

Assim, o lar torna-se Igreja: um lugar de comunhão, de oração e de missão. À volta da mesa e da Palavra, os crentes experimentam uma nova fraternidade que relativiza as hierarquias e os privilégios sociais.

A carta a Filémon é um exemplo paradigmático desta transformação. Paulo intercede por Onésimo, um escravo, e pede que o acolham *"já não como escravo, mas mais do que escravo, como irmão amado."* (Fil 16). Não denuncia diretamente a escravatura – impossível no seu contexto – mas introduz um novo princípio que a desmantela a partir de dentro: a fraternidade em Cristo.

Desta forma, o lar deixa de ser apenas uma estrutura de poder e passa a ser um espaço de graça onde se aprende a viver a reciprocidade do amor cristão. As relações familiares e sociais são reinterpretadas à luz da comunhão trinitária: no matrimónio, na relação pais-filhos e na convivência fraterna revela-se a face de Deus.

É por isso que os lares cristãos são chamados de igrejas domésticas: pequenas comunidades onde a fé é vivida, celebrada e transmitida.

A ecclesia: uma nova família em Cristo

A proclamação de Paulo não se limita ao lar como esfera social, mas

abre um horizonte mais amplo: a comunidade cristã como nova família de Deus. A sua experiência do Cristo Ressuscitado leva-o a compreender que o vínculo mais forte não é o do sangue nem o da Lei, mas sim o do Espírito que torna irmãos todos os crentes. "Portanto, já não sois estrangeiros nem imigrantes, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus." (Ef 2, 19).

A Igreja é, portanto, uma nova realidade familiar onde se superam as divisões e se aprende a viver em comunhão. Nela, cada crente ocupa um lugar único, mas todos estão unidos pelo mesmo Espírito e chamados a edificar o Corpo de Cristo.

Nas suas cartas, Paulo recorre constantemente a imagens familiares para descrever a vida eclesial: irmãos e irmãs, filhos e filhas, pais na fé... Ele próprio se apresenta como uma mãe que dá à luz os seus filhos no Evangelho (Gl 4, 19) ou como um pai que exorta com ternura (1Ts 2, 11).

Esta dimensão familiar não é nem sentimental nem simbólica: é a forma concreta pela qual a fé se torna carne. A comunidade cristã é uma "casa habitada por Deus" (Ef 2, 22) onde cada membro participa ativamente na vida comum e no serviço mútuo. Nela aprendemos a amar, a perdoar, a partilhar os bens e a viver a fé em pleno mundo.

Neste sentido, a Igreja é uma família de famílias, chamada a ser um sinal do Amor de Deus na história. Cada família cristã prolonga e encarna no quotidiano a comunhão da grande família eclesial. Por esta razão, Paulo exorta:

“Portanto, como eleitos de Deus, santos e amados, revesti-vos de sentimentos de misericórdia, de bondade, humildade, mansidão e paciência, suportando-vos uns aos outros e perdoadando-vos mutuamente, se alguém tiver razão de queixa contra outro. Assim como o Senhor vos perdoou, também vós o deveis fazer. Mas, sobre tudo isso, revesti-vos do amor, que é o vínculo da perfeição.” (Col 3, 12-14).

A novidade cristã consiste precisamente nisto: que a vida quotidiana se torne num espaço de graça. As relações familiares — marido e mulher, pais e filhos, irmãos e irmãs — transformam-se em lugares onde se experimenta o amor de Cristo. Neste sentido, a *ecclesia* é, para Paulo, uma grande casa habitada por Deus, uma família onde todos são acolhidos, incluindo os mais fracos e vulneráveis.

Família e Igreja: "Sede dóceis uns com os outros" (Ef 5, 21)

Uma das passagens mais conhecidas e, ao mesmo tempo, mais mal interpretadas de São Paulo é aquela que diz:

“As mulheres sejam dóceis aos seus maridos como ao Senhor... Maridos, amai as vossas mulheres como Cristo amou a Igreja e a si mesmo se entregou por ela” (Ef 5, 22, 25).

Lido fora do seu contexto histórico e teológico, este texto tem sido utilizado durante séculos para justificar a subordinação da mulher ao homem. No entanto, nada poderia estar mais longe da intenção do Apóstolo. Para o compreender corretamente, é necessário lê-lo a partir do seu centro: o versículo que o introduz e dá significado a toda a passagem:

"Sede dóceis uns com os outros no temor a Cristo" (Ef 5, 21).

Este versículo é a chave hermenêutica. Paulo não propõe uma relação de dominação, mas sim uma relação de reciprocidade e de serviço mútuo. A submissão de que fala não tem nada a ver com obediência servil, mas com a atitude de amor que se põe ao serviço do outro, imitando Cristo, que *"não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos"* (Mc 10, 45).

O Apóstolo utiliza a linguagem e as categorias do "código doméstico"

greco-romano — um modelo social profundamente patriarcal, no qual o *pater familias* tinha autoridade sobre a esposa, os filhos e os escravos — mas introduz um princípio revolucionário: o Amor de Cristo. Não destrói a estrutura, subverte-a por dentro. Em vez de impor um poder, propõe a comunhão; em vez de obediência forçada, propõe uma doação mútua.

Assim, quando diz "*mulheres sejam dóceis aos vossos maridos*", não está a legitimar a desigualdade, mas a convidar-nos a viver a relação conjugal como um espaço de fé e de comunhão. E quando diz: "*Maridos, amai as vossas mulheres como Cristo amou a Igreja*", eleva o homem a uma exigência inédita no seu tempo: amar até à entrega total, até à Cruz.

O centro do texto não está na submissão, mas no modelo de amor que é proposto: o próprio Cristo.

Paulo chama os cônjuges a refletirem, na sua relação recíproca, o mistério de Cristo Esposo e da Igreja Esposa: um amor gratuito, terno e fecundo, onde ninguém domina e ninguém se submete passivamente, mas ambos se entregam em liberdade e em fé.

É por isso que conclui: "*É grande este mistério: digo-o em relação a Cristo e à Igreja.*" (Ef 5, 32).

Neste "grande mistério", a família torna-se um ícone da comunhão trinitária. O matrimónio não é uma instituição de poder, mas um sinal sacramental do Amor de Deus, onde marido e mulher diferentes, mas iguais em dignidade, se entregam um ao outro como Cristo se entrega à sua Igreja.

Desta forma, São Paulo não é misógino nem conservador, mas profundamente transformador. A sua mensagem não pode ser lida como uma defesa das estruturas patriarcais, mas como uma semente do Evangelho que, com o tempo, germina numa nova visão da mulher, do homem e da relação entre ambos.

O princípio cristão da entrega mútua no amor, enraizado em Cristo, contém na sua essência a superação de todas as formas de desigualdade.

Por isso, este texto não deve ser temido, mas relido à luz do Espírito: o que Paulo quis dizer não foi "que um manda e o outro obedece", mas "que ambos se amem como Cristo nos amou".

Onde o amor é mútuo e gratuito, floresce a verdadeira igualdade; e onde Cristo está no centro, a família torna-se um sacramento do Reino.

"O amor que tudo suporta" (1Cor 13)

São Paulo não reduz o amor ao domínio emocional. Quando escreve aos Coríntios, escreve para uma comunidade viva, mas dividida, cheia de dons e de conflitos. Neste contexto, mostra-lhes *"um caminho que ultrapassa tudo"* (1Cor 12, 31): o amor como caridade, o *ágape*, que é o mesmo amor com que Deus ama.

Este amor não é fruto de um esforço moral, mas sim um dom do Espírito (Rm 5, 5). É o amor que *"tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, a tudo resiste"* (1Cor 13, 7). É um amor que não procura os seus próprios interesses, que não se irrita, que não guarda rancor. No matrimónio e na família, esta caridade é o rosto concreto do amor cristão: a paciência nos tempos difíceis, a alegria no serviço, a capacidade de recomeçar e de perdoar.

Quando Paulo descreve este amor, não o faz pensando apenas na comunidade eclesial, mas também nas comunidades domésticas, nos lares onde se vivem as mesmas tensões, feridas e reconciliações. O amor com que Cristo ama a Igreja torna-se assim a medida do amor conjugal (Ef 5, 25).

Por esta razão, para São Paulo o amor é a forma de toda a virtude e a plenitude da lei (*Rm 13, 8-10*). Na família, esse amor expressa-se em gestos muito concretos: a ternura que não humilha, a palavra que consola, a paciência que sustenta, o perdão que reconstrói. O lar cristão torna-se assim num pequeno laboratório do Amor de Deus, onde cada membro aprende a amar: *"não amemos com palavras nem com a língua, mas com obras e com verdade"* (*1Jo 3, 18*).

Palavras do Padre Caffarel

"Para terminar, deixo-vos com o exemplo deste casal que deveria ser o modelo da hospitalidade cristã: Áquila e Priscila. Estes tecelões judeus estabelecidos em Corinto receberam um dia a visita de um compatriota em busca de trabalho. Concordaram em contratá-lo e o seu novo empregado não demorou a dar-se a conhecer. Era Paulo, recém-chegado sem recursos ao grande porto cosmopolita, seu trabalhador e seu hóspede, e que viria a tornar-se seu mestre e pai espiritual. Através da sua palavra e do seu exemplo, converteram-se a Cristo e abriram a sua casa aos neófitos da grande cidade. Quando Paulo foi para Éfeso e mais tarde para Roma, acompanharam-no. E fizeram-no sempre para cumprir o mesmo serviço: ter um lar aberto para que os novos convertidos se sentissem como em sua casa. A Eucaristia era aí celebrada. Alegro-me pensar que a profunda intuição de Paulo sobre a grandeza do matrimónio amadureceu lentamente ao longo dos anos que passou na casa deste casal, que eram seus amigos e colaboradores. Não terá sido no espelho do seu amor mútuo que Paulo viu refletido o noivado de Cristo e da Igreja?

Hoje, como há vinte séculos, os sacerdotes não podem prescindir da colaboração dos cônjuges e das suas famílias: o sacerdote é Cristo que vai ao encontro dos homens para lhes transmitir a mensagem do Senhor,

o lar é a Igreja que os acolhe no seu seio para os proteger, alimentar e dar vida àqueles que a palavra missionária conquistou para Deus". (*Henri Caffarel, Anneau d'Or, nº111-112, O matrimónio, esse grande sacramento, Maio-Agosto de 1963, pp. 275-287, "Aquila e Priscila"*)

Pistas para preparar o dever de se sentar

Nas suas cartas, Paulo saúda as comunidades que se reúnem "*na casa de...*" (*Rm 1, 6:5; 1Cor 16, 19*).

O lar cristão é o primeiro lugar onde se vive a fé: onde se aprende a rezar, a perdoar, a partilhar, a servir. É o lugar onde o Amor de Deus se torna visível em gestos simples:

- De que forma o nosso lar reflete a fé que professamos? Que sinais concretos do Amor de Deus estão presentes na nossa vida familiar (hospitalidade, perdão, gratuidade...)? Como podemos cuidar da dimensão espiritual do nosso lar para que seja verdadeiramente uma "Igreja doméstica"?

São Paulo convida-nos a olhar para o amor com os olhos de Cristo: "Maridos, amai as vossas mulheres como Cristo amou a Igreja e a si mesmo se entregou por ela" (*Ef 5, 25*). Não se trata de dominação ou de submissão, mas de um amor que se entrega livremente, que procura o bem do outro antes do seu próprio.

- Na nossa relação, como vivemos este amor que se doa e não se impõe? Em que momentos experimentámos que amar o outro nos leva a parecermo-nos mais com Cristo? Quais os gestos diários que poderíamos cuidar para que o nosso amor seja mais serviço do que exigência?

Reunião da Equipe

Sugestões para o pôr em comum

Nesta reunião, queremos ser iluminados pelos ensinamentos de São Paulo e descobrir como o Evangelho transforma a vida familiar a partir de dentro, tornando o lar um lugar onde Cristo habita e age.

No pôr em comum deste mês, convidamos-vos a partilhar como, durante este período entre a anterior reunião de equipa e este momento, em que situações concretas reconhecemos a nossa família como um espaço de fé; em como o amor paciente e entregue, de que Paulo fala, se tornou presente nas nossas vidas diárias; e como a experiência de pertencer à grande família da Igreja nos ajuda a viver as nossas relações familiares com uma perspetiva mais evangélica e cheia de esperança.

Oração

Façamos um momento de silêncio para dar as boas-vindas à Palavra que São Paulo dirige à comunidade e que hoje ressoa nas nossas casas e nas nossas famílias:

Leitura da Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios (1Cor 13, 1-10)

¹Ainda que fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, sou como um bronze que ressoa ou um címbalo que retine.

²Ainda que tenha o dom da profecia e conheça todos os mistérios e toda a ciência, ainda que tenha a plenitude da fé, ao ponto de mover montanhas, se não tiver amor, nada sou. ³Ainda que distribua todos os meus bens e entregue o meu corpo para me poder gloriar, se não tiver amor de nada me serviria. ⁴O amor é paciente, o amor é bondoso; não é invejoso, não é soberbo nem arrogante; ⁵nada faz de vergonhoso, não procura o próprio interesse, não se irrita, nem

guarda ressentimento; ⁶não se alegra perante a injustiça, mas rejubila com a verdade; ⁷tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, a tudo resiste. ⁸O amor jamais passará. As profecias hão de acabar, as línguas calar-se-ão e o conhecimento desaparecerá. ⁹Pois é parcialmente que conhecemos e parcialmente que profetizamos; ¹⁰mas quando vier o que é perfeito, o que é parcial há de acabar.

À luz da Palavra que escutámos, deixamos um momento de silêncio para reconhecer que o amor de que São Paulo fala não é uma ideia nem um ideal distante, mas uma obra do Espírito que se encarna na nossa vida conjugal e familiar.

Neste momento, damos graças a Deus pelas diferentes formas como o Seu amor se tornou concreto no nosso casal e na nossa família, como fruto da Sua graça em nós.

Cada membro da equipa pode escolher uma ação de graças que reflita a sua experiência que, sendo algo muito pessoal, pode ser repetida as vezes que sejam necessárias.

- Damos-Te graças, Senhor, pelo amor paciente que nos sustentou em tempos de espera e de dificuldade.
- Damos-Te graças, Senhor, pelo amor bondoso que se manifestou em gestos simples de cuidado e de atenção.
- Damos-Te graças, Senhor, pelo amor que não tem inveja e que nos permitiu alegrarmo-nos com o bem do outro.
- Damos-Te graças, Senhor, pelo amor que não se vangloria nem é presunçoso e que nos ajudou a viver com humildade.
- Damos-Te graças, Senhor, pelo amor que não é egoísta e que nos ensinou a sair de nós próprios.
- Damos-Te graças Senhor, pelo amor que não se irrita e que trouxe paz em tempos de tensão.

- Damos-Te graças, Senhor, pelo amor que não guarda rancor e que abriu caminhos de perdão.
- Damos-Te graças, Senhor, pelo amor que se alegra na verdade e que nos ajudou a viver com sinceridade.
- Damos-Te graças, Senhor, pelo amor que tudo desculpa quando conseguimos compreender a fragilidade.
- Damos-Te graças, Senhor, pelo amor que acredita em todas as coisas e que nos permitiu voltar a confiar.
- Damos-Te graças, Senhor, pelo amor que tudo espera, mesmo quando o futuro parece incerto.
- Damos-Te graças, Senhor, pelo amor que tudo suporta e que permaneceu fiel na provação.
- Damos-Te graças, Senhor, por este amor que nunca acaba e que sabemos ser Teu dom e obra do Teu Espírito.

Terminamos a oração com o Pai Nosso

Partilha

Ao escutar São Paulo, descobrimos que o Evangelho não se vive apenas no templo, mas também em casa. As primeiras comunidades cristãs nasceram em torno de mesas de família, em lares abertos onde as pessoas rezavam, partilhavam as suas vidas e aprendiam a amar como Cristo. Isto ajuda-nos a olhar para a nossa família não só como um espaço privado, mas como uma pequena Igreja doméstica, chamada a tornar o Amor de Deus visível no dia-a-dia.

Este capítulo do Tema convida-nos a reconhecer como, na nossa própria experiência, escutar a Palavra de Deus vai gradualmente moldando a nossa forma de viver em família. Não se trata de grandes momentos, mas de orações e reflexões simples sobre a palavra de cada dia, de partilhar

o que nos tocou nas leituras de domingo... para que o Evangelho ilumine o que somos e o que vivemos.

- Como é que isto nos ajudou a tomar consciência de que a nossa família é chamada a ser uma Igreja doméstica, não pelo que diz, mas pela forma como ama, perdoa e acolhe?

A oração conjugal surge então como um local privilegiado para aprender o amor de que fala São Paulo: um amor paciente, prestável, capaz de perdoar e de recomeçar. Ao rezarmos juntos, as nossas vidas vão sendo transformadas por esse amor que "tudo crê, tudo espera e tudo suporta" e que faz da relação conjugal um sinal vivo do amor de Cristo.

- Como é que isso nos fortalece para vivermos a nossa vocação matrimonial confiando mais na ação do Espírito do que na nossa própria força? Ajuda-nos de alguma forma na nossa vocação evangelizadora?

A Regra da Vida, por outro lado, ajuda-nos a traduzir esse amor em escolhas concretas. Não como uma exigência adicional, mas como um apoio simples que orienta a nossa vida familiar para uma maior coerência entre a fé que professamos e a forma como nos relacionamos, como acolhemos e como servimos.

Questões para o Estudo do Tema

- "A Igreja é uma família de famílias, chamada a ser um sinal do Amor de Deus na história. Cada família cristã prolonga e incorpora no quotidiano a comunhão da grande família eclesial."
- "No matrimónio e na família, esta caridade é o rosto concreto do amor cristão: a paciência nos tempos difíceis, a alegria no serviço, a capacidade de recomeçar e de perdoar."

Estas duas citações do tema poderiam ser um resumo em forma de título do conteúdo deste capítulo. Falam de comunhão, de alegria e da capacidade de perdoar e renascer. Para São Paulo, a vida familiar é fundamental para compreender o Reino, pois é nela que se manifesta o amor de Cristo.

No entanto, cada família tem os seus costumes, a sua cultura e a sua forma de demonstrar o seu amor. E sempre que um homem e uma mulher começam a aventura de fundar uma família, vão pôr em prática o que viveram, como viveram e, ao mesmo tempo, vão tornar novo tudo isso. Esta experiência pode ser uma das mais belas na vida dos recém-casados ou pode tornar-se um obstáculo intransponível se, mutuamente, não souberem contribuir e respeitar.

- Que memórias têm das dificuldades superadas nesses momentos fundacionais das vossas famílias? Como conseguiram recomeçar e perdoar? A oração ou algum dos pontos de esforço ajudaram-vos, se já eram membro das Equipas? Foram ajudados por alguns familiares ou amigos próximos?
- O Padre Caffarel fala-nos da hospitalidade que, originalmente, era uma das obrigações da Carta Fundadora: que lugar tem o acolhimento e a hospitalidade na vossa casa?

Capítulo 8 - A transmissão da fé na família

"Estas palavras... debes repeti-las aos teus filhos" (Dt 6, 6-7)

Objetivos

1. Redescobrir a família como o primeiro lugar onde a fé é transmitida e celebrada.
2. Viver o amor familiar como uma expressão concreta do Evangelho.
3. Aprender a confiar em Deus, reconhecendo que a fé é um dom que cresce em liberdade e no tempo, para além do que está ao nosso alcance.

Leitura da Palavra (2Tm 1, 3-7; 14-17)

Dou graças a Deus, a quem sirvo, tal como os meus antepassados, de consciência pura, recordando-me sempre de ti, noite e dia, nas minhas orações.

Ao recordar-me das tuas lágrimas, desejo vivamente rever-te, para me encher de alegria, pois lembro-me da fé sem fingimento que há em ti, a mesma que habitou em primeiro lugar na tua avó Loide e na tua mãe Eunice e que, estou certo, habita também em ti.

Por isso, recomendo-te que reavives o dom da graça de Deus, que, pela imposição das minhas mãos, está em ti. Deus não nos concedeu, de facto, um espírito de timidez, mas de força, de amor e de ponderação.

Tu, porém, permanece firme no que aprendeste e acreditaste, por

saberes de quem o aprendeste, e porque conheces desde a infância as Sagradas Escrituras, que te podem dar a sabedoria que conduz à salvação por meio da fé em Cristo Jesus.

Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para ensinar, repreender, corrigir e educar na justiça, a fim de que o homem de Deus esteja capacitado e bem preparado para toda a espécie de boas obras.

Reflexões sobre a palavra

Introdução

Ao longo desta caminhada, temos vindo a contemplar, passo a passo, como a família atravessa toda a história da salvação como o seu fio invisível e o seu coração vivo. Desde o início, a Bíblia revela-nos que a vida humana não pode ser compreendida isoladamente: *"Não é bom que um homem esteja só"* (Gn 2, 18). Na comunhão entre o homem e a mulher – imagem e semelhança de Deus – manifesta-se o próprio mistério do Criador, que é amor e comunhão. A família nasce assim do plano divino como um espaço onde o amor se torna fecundo, onde a vida é acolhida, cuidada e transmitida.

Nos patriarcas descobrimos que a história da salvação começa numa casa, numa tenda que se põe a caminho. Deus chama Abraão e Sara para que abandonem a sua terra e neles faz de uma família a semente de um povo. Na sua história – cheia de luzes e de sombras, de promessas e de expectativas – aprendemos que a fé é transmitida não tanto pela herança biológica, mas pela confiança na promessa. A bênção de Deus passa de geração em geração, apesar de todo o seu pecado, como vimos em Isaac e Jacob, tecendo uma rede de alianças que sustentam a esperança do povo.

Mais tarde, os profetas revelam o rosto apaixonado deste Amor de Deus, comparando-o ao amor conjugal entre um homem e uma mulher: um amor fiel e ciumento que não se resigna a perder o amado. Em Oseias, Isaías ou Ezequiel, a história de Israel é entendida como uma história de família: Deus noivo, o seu povo a esposa infiel e uma aliança que é sempre renovada. No Cântico dos Cânticos, esta imagem atinge o seu auge poético: o amor humano – com a sua ternura, o seu desejo, a sua expectativa e a sua entrega – torna-se um espelho do Amor divino. O lar e o coração tornam-se um templo onde Deus se deixa encontrar.

Quando chegamos ao Evangelho, a revelação atinge a sua plenitude: o próprio Deus entra numa família humana. O mistério da Encarnação decorre no lar de Nazaré, no sim de Maria, na obediência de José, na vida oculta do Filho. A família torna-se o lugar onde Deus habita e onde a humanidade aprende a chamar "Pai" a Deus. A família já não é apenas um laço de sangue, mas um espaço de comunhão no Espírito, aberto ao amor universal.

Com São Paulo, a perspetiva alarga-se ainda mais. O Apóstolo, profundamente marcado pela experiência do Cristo ressuscitado, descobre que toda a existência cristã tem uma forma familiar. Nas suas cartas, Paulo convida as comunidades a viverem como "na casa de Deus" (1Tm 3, 15), a reconhecerem-se mutuamente como irmãos e irmãs em Cristo, a amarem-se uns aos outros com um amor que "tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, a tudo resiste" (1Cor 13, 7). No mundo greco-romano, onde a casa (*oikos*) era o centro da vida social e religiosa, Paulo anuncia que o lar cristão pode tornar-se uma Igreja doméstica: uma pequena comunidade onde Cristo é Senhor, onde os vínculos se transformam em serviço e o poder se torna um dom.

E assim chegamos ao fim da nossa jornada. Depois de percorrer a criação, os patriarcas, os profetas, o amor conjugal, o lar de Nazaré e a missão paulina, compreendemos que a família não é apenas um cenário

de fé, mas o seu canal privilegiado. A família cristã é chamada a ser memória viva do Evangelho, lugar de transmissão e de testemunho, escola de fé, de esperança e de caridade.

Desde as origens do Povo de Deus, a fé foi transmitida no contexto de uma mesa, de uma festa, de um lar: é o que acontece na Páscoa, quando as crianças fazem perguntas e os pais narram as maravilhas de Deus (*Ex 12, 26-27*). Também hoje, cada família cristã celebra a sua "Páscoa" quotidiana quando reza, quando perdoa, quando mantém a esperança no meio das provações. Em casa aprende-se a acreditar, não tanto pelas lições, mas pelos gestos, pelas lealdades silenciosas, pelo amor que educa e acompanha.

Por isso, a família continua a ser o coração da Igreja e a sua primeira escola de evangelização. Aí onde um pai ou uma mãe ensinam os filhos a rezar, onde se parte o pão e se aprende a perdoar, onde se confia em Deus no meio da vida, a fé torna-se história. E embora por vezes essa fé pareça adormecida ou extinta, ela permanece uma semente viva, depositada no coração pelo Espírito, que saberá como fazê-la germinar a seu tempo.

Uma história familiar de salvação

A fé nasceu e cresceu no seio das famílias. Deus revela-se no meio de uma história doméstica: a de Abraão, de Sara e dos seus descendentes. A promessa é transmitida de geração em geração como uma bênção familiar, um fio invisível que une a experiência de fé dos pais à dos filhos.

A primeira escola de fé não foi uma sinagoga nem um templo, mas sim o lar. Aí, no dia a dia, os pais ensinavam os filhos a abençoar, a dar graças e a confiar no Senhor. O livro de Deuterónimo expressa-o de forma contundente:

"Que estas palavras que hoje te ordeno estejam no teu coração. Deves repeti-las aos teus filhos e recitá-las quando estiveres em tua casa, quando andares no caminho, ao deitares-te e ao levatares-te." (Dt 6, 6-7).

Transmitir a fé não é, antes de mais, ensinar umas ideias, mas sim partilhar uma experiência viva: a memória do que Deus fez e continua a fazer. A fé é comunicada como o amor se transmite: por contágio, por testemunho, por proximidade.

A família é o primeiro lugar onde os seres humanos aprendem a acreditar, porque aí experimentam a confiança, a fidelidade e o amor que sustenta. Não é por acaso que os grandes momentos da história da salvação são marcados por gestos familiares: uma mãe que protege (Moisés e a sua mãe), um pai que abençoa (Isaac), um filho que obedece (Samuel), uma esposa que confia (Rute)... Na família aprende-se a linguagem do amor, que é a mesma linguagem da fé.

Transmitir a fé é um mandamento

Transmitir a fé não é uma iniciativa voluntária nem um gesto de boa vontade dos pais mais piedosos: é um mandamento divino, inscrito no próprio coração da Aliança. O *"Shemá Israel"*, núcleo da profissão de fé do povo hebreu, une inseparavelmente o amor por Deus e a sua transmissão aos filhos. *"Escuta" - Shemá* - não é um convite passivo, mas sim um chamamento ativo para acolher e encarnar a Palavra. No coração do povo escolhido, a fé transmite-se por mandamento: *"Que estas palavras que hoje te ordeno estejam no teu coração. Deves repeti-las aos teus filhos." (Dt 6, 6-7).*

O Deuteronomio mostra assim que a transmissão da fé não é um ato individual, mas um ato familiar e comunitário, no qual participa toda a

família. O povo judeu compreendia que a fidelidade à Aliança dependia da transmissão viva da memória: cada pai tinha de contar aos seus filhos a história da libertação – *"éramos escravos do faraó no Egito, mas o Senhor tirou-nos do Egito com mão forte..."* (Dt 6, 21). Assim, a fé não é ensinada como doutrina, mas como um relato vivo de amor e libertação.

Em cada refeição de Páscoa, a pergunta do filho — "Porque é que esta noite é diferente das outras?" — torna-se o cerne pedagógico da fé: o filho pergunta, o pai narra e a história da salvação é renovada. O lar judaico torna-se templo; a mesa, um altar; a palavra, memória viva. O lar é o primeiro santuário da fé, o berço onde se aprende a escutar e a bendizer o Nome do Senhor.

Foi também assim que Jesus cresceu, já que *"ia crescendo em sabedoria, em idade e em graça"* (Lc 2, 52). Maria e José transmitiram ao seu Filho a fé de Israel, iniciaram-no na oração, na leitura da Torá, na liturgia do sábado, na bênção quotidiana. A Encarnação ocorreu através da transmissão da fé num lar crente: Deus quis aprender a fé em família, para que pudéssemos compreender que a fé é herdada pela vivência e não apenas pelo ensino.

São Paulo, escrevendo a Timóteo, recorda esta herança:

"Porque conheces desde a infância as Sagradas Escrituras, que te podem dar a sabedoria que conduz à salvação por meio da fé em Cristo Jesus" (2Tm 3, 15).

Timóteo tinha recebido a fé da sua mãe Eunice e da sua avó Loide (2Tm 1, 5): três gerações unidas pela mesma confissão. É assim que a fé passa de coração em coração: não por instrução, mas por contágio, como uma chama acesa por outra.

O Concílio Vaticano II retomará esta intuição ao chamar à família a *"Igreja doméstica"* (Lumen gentium, 11). Nela, os pais são os primeiros

arautos da fé, chamados a anunciar o Evangelho com a sua palavra e a sua vida. Não são catequistas por delegação, mas testemunhas por vocação. No seu amor mútuo e na sua fidelidade diária, o amor de Cristo pela sua Igreja torna-se visível (cf. Ef 5, 25-33).

Por isso, transmitir a fé não consiste apenas em falar de Deus às crianças, mas em mostrar-lhes Deus na vida dos pais: na oração partilhada, no perdão pedido, na Eucaristia celebrada em conjunto, no cuidado dos pobres, na alegria do serviço. A família crente evangeliza vivendo de forma coerente. “Não se pode transmitir o que não se vive” e só a fé encarnada convence verdadeiramente.

O lar cristão, tal como o judaico, necessita de sinais visíveis: uma Bíblia aberta, uma cruz, um canto de oração, uma coroa do Advento, um presépio... Os sinais educam o olhar e despertam a memória. Num mundo que esquece, os sinais são recordações da Aliança: falam quando o coração se cala.

Oração no lar: fonte de unidade e escola de vida

A oração familiar é a alma da transmissão da fé. Não basta assistirem juntos à missa de domingo; é necessário que se respire a fé na vida quotidiana do lar, onde o pão é partilhado, onde se discute, se ri ou se chora. A oração em casa santifica o tempo e os gestos simples, transformando o dia numa liturgia.

Desde as primeiras comunidades cristãs, a fé era vivida nos lares: *"em casa partiam o pão; partilhavam o alimento com grande alegria e simplicidade de coração"* (At 2, 46). Essas *domus Ecclesiae* foram a semente da Igreja: a evangelização nasceu nos lares. As mulheres desempenhavam nelas um papel essencial – como Maria, Lídia ou Priscila – acolhendo a comunidade e sustentando a fé na intimidade do

lar.

Rezar em família exige perseverança, criatividade e paciência: um Pai Nosso antes de dormir, uma leitura do Evangelho do domingo, uma vela acesa no Advento, uma bênção antes das refeições. São pequenos gestos, mas com força sacramental: ensinam que Deus habita entre nós. A oração não se improvisa: é herdada, aprende-se pelos lábios dos pais, tal como a criança judia aprendia o *Shemá* ao adormecer.

Transmitir a fé é, em última análise, dar à luz no Espírito, como Maria deu à luz o Verbo. Ela, a Mãe da fé, e José, o seu guardião, são modelos e companheiros. Em Nazaré, a Palavra tornou-se vida quotidiana; aí Jesus aprendeu a rezar, a trabalhar, a amar.

"Uma geração transmite à outra o louvor das tuas obras, e todos proclamam os teus prodígios." (Sl 144, 4).

No entanto, a fé não é transmitida como uma herança humana nem imposta por obrigação. A fé é um dom, uma graça que só Deus pode despertar no coração. Os pais são mediadores, não donos da fé dos seus filhos. Podem semear, regar e acompanhar, mas o crescimento é dado por Deus (1Cor 3, 6).

Quando chega a adolescência, ou os momentos de rejeição ou de dúvida, não devemos perder a esperança. O amor paciente mantém a fé acesa em silêncio. *"O amor tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, a tudo resiste"* (1Cor 13, 7). A transmissão da fé é lenta, por vezes dolorosa, mas frutífera: *"Eu plantei, Apolo regou, mas foi Deus quem fez crescer"* (1Cor 3, 6).

Por isso, quando os filhos se afastam ou vivem sem fé, não há culpa, mas esperança. A semente plantada na infância — uma palavra, um gesto, uma oração partilhada — permanece viva no coração, ainda que invisível. O Espírito atua no tempo e nos caminhos de cada um, mesmo

naqueles que parecem distantes.

Transmitir a fé significa amar incondicionalmente, como o pai do filho pródigo (*Lc 15*): esperar, confiar, acolher sempre. A vitória não é para quem tem razão, mas para quem mais ama. Este amor paciente e fiel é, em si mesmo, a melhor catequese e a mais profunda confissão de fé.

Palavras do Padre Caffarel

"Muito em breve o casal torna-se família. A oração conjugal transforma-se naturalmente em oração familiar. Não estou a dizer que desaparece, substituindo a oração conjugal, mas sim que se expande (...).

A oração familiar deve dedicar um espaço significativo à Palavra de Deus (...) desde que esta leitura não seja escolhida ao acaso, mas sim preparada antes. Depois de ter escutado Deus que fala na Bíblia, devemos responder-Lhe, mas primeiro devemos deixar que essa Palavra penetre em cada um de nós. Para isso, é necessário um tempo de silêncio. É de extrema importância aprender a permanecer em silêncio juntos diante de Deus. (...) No entanto, seria um erro negligenciar as orações em voz alta. (...) Muitas vezes as crianças gostam de fazer os seus pedidos em voz alta, o que lhes permite participar ativamente na oração. Apreciam imenso as intenções que os seus pais manifestam quando se trata das grandes preocupações da Igreja e do mundo. Podemos acrescentar que, através da oração familiar, os pais encontram um meio privilegiado de compreender melhor a alma dos seus filhos.

A oração pessoal dita em voz alta é uma forma extraordinária de ensinar as crianças a falar de Deus. As crianças que apenas escutam orações pré-formuladas nunca adquirirão a espontaneidade de uma alma filial que se dirige ao Pai. Estas várias partes da oração podem suceder-se em

relativamente pouco tempo. É bom que a oração em família seja breve, no máximo dez minutos, animada, simples e variada. (...) Existem dificuldades que são muito reais e que não podem ser ignoradas. Algumas devem-se à presença simultânea de filhos mais novos e mais velhos na oração em família. Não se deve alinhar com os mais pequenos se não se quiser que os mais velhos abandonem a oração muito em breve. Outras são consequência da psicologia dos adolescentes. Geralmente, estes mostram pouco entusiasmo em participar na oração familiar. Conquistar este entusiasmo é uma grande arte que algumas famílias sabem praticar por si mesmas, ou fazem-no com a ajuda de um método adequado e atraente que combina conhecimento psicológico e espiritual. O importante é não se culparem por esse distanciamento. Não é culpa dos pais, nem sempre é culpa dos filhos." *(Henri Caffarel, Anneau d'Or, 111-112, Maio-Agosto de 1963. Oração em família.)*

Pistas para preparar o dever de se sentar

Transmitir a fé não significa, sobretudo, ensinar coisas sobre Deus, mas sim viver de tal forma que Deus possa ser descoberto no dia-a-dia.

- Quando olham para a vossa vida matrimonial e familiar, que lugar real ocupa a fé no vosso dia-a-dia? Está integrada de forma natural ou é relegada para momentos específicos?
- Em que gestos, atitudes ou decisões concretas creem que a vossa família transmite fé, mesmo sem palavras? E em que aspetos sentem que existem incoerências ou silêncios que vos são difíceis?
- Diante das gerações mais novas (filhos, netos, jovens próximos...), que medos, dúvidas ou resistências sentem ao falar de Deus ou ao propor um caminho de fé?

Reunião da Equipe

Sugestões para o pôr em comum

Neste pôr em comum são convidados a algo diferente; não se trata de falar sobre o que aconteceu este mês, mas sim sobre o que vivemos na história da nossa família.

Neste momento, é importante posicionarmo-nos a partir da confiança e não da culpa. A transmissão da fé não é um resultado mensurável, mas um ato de amor que é oferecido. O próprio Jesus ensinou-nos isto na parábola do semeador: o semeador sai todas as manhãs para semear, sem controlar onde cairá a semente nem que fruto dará.

Algumas sementes caem à beira da estrada e os pássaros vêm e levam-nas. Também na vida dos nossos filhos aparecem "aves de rapina": influências, palavras, experiências ou feridas que parecem apagar aquilo que semeámos com amor. Outras sementes caem em terreno pedregoso: momentos de entusiasmo superficial, de fé frágil que não tem raízes e que definha quando surgem dificuldades. Outros caem entre espinhos: preocupações, desilusões, sofrimentos ou conflitos que sufocam o que parecia crescer.

E, no entanto, o semeador não pára de semear. Não escolhe a terra, não se desanima, não se culpa pelo fruto. Continua a sair todos os dias, confiando. Por vezes, sem que saibamos como ou quando, uma semente cai em bom solo e dá fruto.

Os nossos filhos ou netos atravessam todos estes terrenos ao longo das suas vidas, tal como nós. Transmitir a fé não significa garantir o resultado, mas permanecer fiel ao gesto de semear: uma palavra, uma oração, um testemunho, uma presença amorosa. O fruto não nos pertence. O tempo também não. Ambos são de Deus.

Oração

Façamos um momento de silêncio para nos colocarmos na presença do Senhor, reconhecendo com humildade e confiança o trabalho que Ele fez nas nossas famílias ao longo deste caminho.

Escutemos nos nossos corações as palavras do apóstolo Paulo:

Leitura da Segunda Carta do Apóstolo Paulo a Timóteo (2Tm 1, 3-5)

"Dou graças a Deus, recordando-me sempre de ti, noite e dia, nas minhas orações...Lembro-me da fé sem fingimento que há em ti, a mesma que habitou em primeiro lugar na tua avó Loide e na tua mãe Eunice e que, estou certo, habita também em ti".

Lemos esta oração em silêncio e cada um de nós a torna sua.

Senhor, diante de Ti colocamos a história da nossa família, com as suas luzes e sombras, com as sementes semeadas com amor e com aquelas que parecem ter-se perdido pelo caminho. Conheces os nossos desejos, as nossas feridas e também a nossa esperança silenciosa.

Tal como Paulo, queremos começar por dar graças. Obrigado, Senhor, pela fé que recebemos, pelas pessoas que a transmitiram – pais, avós, paróquias, equipas, comunidades – pelas palavras simples, pelos gestos diários, pelas orações partilhadas e pelos silêncios habitados por Ti.

Damos-Te graças, Senhor, por teres colocado nas nossas famílias não um espírito de medo, mas de força, de amor e de sobriedade.

Obrigado por nos apoiares quando duvidamos, por nos levatares quando nos sentimos frágeis, por continuares a trabalhar mesmo quando não vemos frutos.

Hoje queremos apresentar-Te os nossos filhos e netos. Confiamo-los a Ti tal como são, nos caminhos que percorrem, nas suas buscas, nas suas perguntas e nas suas resistências.

Livra-nos da culpa e do desânimo; ensinar-nos a semear sem nos apropriarmos do fruto, a amar incondicionalmente, a esperar sem impor tempos.

Pedimos-Te, Senhor, que nos ajudes a permanecer no que recebemos, a cuidar da Palavra que habita nos nossos lares, a deixar que as Escrituras continuem a educar os nossos corações e a dar sabedoria para a vida.

Faz das nossas famílias lares onde a Tua Palavra seja escutada, onde a oração tenha um lugar simples e verdadeiro, onde o amor vivido seja a primeira proclamação do Evangelho.

Cada um pode repetir em voz alta a frase ou frases que mais o tenham ajudado nesta oração.

Terminamos rezando o Pai Nosso

Partilha

A família é o primeiro lugar onde se escuta a Palavra, onde se aprende a oração e onde os gestos quotidianos educam na confiança em Deus. Por isso, ao fazer agora esta partilha, somos convidados a olhar para os nossos pontos de esforço como canais concretos para transmitir a fé.

Propomos algumas pistas para a partilha. Como em tudo, usem-nas na medida em que vos possam ajudar.

- À luz deste capítulo do Tema, como é que os pontos concretos de esforço nos ajudam a criar um ambiente familiar onde a fé possa ser acolhida e transmitida com liberdade e alegria?
- Neste mês, de que forma é que escutar a Palavra alimentou a nossa fé pessoal e conjugal, tornando-a mais viva e, portanto, mais transmissível?
- Como é que a oração conjugal nos ajuda a assumir juntos a responsabilidade de transmitir a fé, não como um fardo, mas como uma missão confiada por Deus?
- No dever de se sentar, somos capazes de falar com sinceridade sobre a nossa fé: sobre aquilo em que acreditamos, sobre o que duvidamos, sobre o que temos dificuldade em expressar? Que frutos vemos quando o fazemos juntos?

Questões para o Estudo do Tema

Enfrentamos uma das questões mais dolorosas para muitos de nós, porque todos temos alguma experiência de "fracasso" na transmissão da fé aos nossos filhos e netos. No entanto, como acabámos de ler, não nos cabe avaliar o resultado, mas sim permanecer fiéis àquilo que semeamos. Os nossos filhos desenvolverão a sua experiência de fé nas suas vidas à sua maneira, não à nossa. Nos tempos deles, não no nosso e, certamente, o pior que poderíamos fazer era vacilar ou hesitar. Ser fiéis ao amor de Jesus e ser fiéis ao amor que temos uns pelos outros e que lhes mostrámos será a melhor forma de transmitir fé, palavra que tem a mesma etimologia de fidelidade. Vivamos então a fidelidade para que possamos transmitir a fé, sem estabelecer metas ou objetivos. O

que cada um dos nossos filhos e filhas vive no seu coração estará intimamente ligado a esta fidelidade que demonstrarmos.

- O que mais vos chamou a atenção neste capítulo do Tema sobre a transmissão da fé?
- Partilhem como confiam em Deus para cultivar as sementes da fé que plantámos na vida dos nossos filhos e como continuamos a semear nas suas vidas. O que podemos aprender com o exemplo de Santa Mónica e de Santo Agostinho?
- Depois de trabalhar nisto, como entendem hoje a vossa responsabilidade – pessoal e familiar – na transmissão da fé, para além dos resultados visíveis?
- Que chamamento concreto vos leva a cuidar da fé no vosso lar e a permitir que Deus continue a escrever uma história de salvação na vossa família?
- Em que momentos descobriram que a fé se transmite mais pelo que se vive do que pelo que se diz?
- A partir do texto do tema, que experiências concretas podem partilhar sobre a oração em família como fonte de unidade, de significado ou de reconciliação?
- Que dificuldades reais encontram hoje para transmitir a fé na vossa família (cansaço, falta de tempo, distância geracional, rejeição, indiferença...)? Como as vivem a partir de uma perspetiva de fé?

Capítulo 9 - Balanço

*"Aquele que começou em vós tão boa obra
a irá aperfeiçoando" (Flp 1, 6)*

Introdução

Este capítulo tem uma estrutura diferente da das outras reuniões de equipa que tivemos ao longo deste ano e o seu objetivo é rever o percurso pessoal, de casal e de equipa à luz das nossas experiências. Esta reunião de balanço destina-se a ser um tempo de reflexão vivido por todos juntos, sob o olhar de Deus, para dar graças pelo caminho percorrido este ano. É um dever de se sentar de equipa, o momento para partilhar e para nos ajudarmos mutuamente num ambiente de oração, de verdade e de comunhão.

A proposta parte da Leitura da Palavra e da reflexão sobre ela.

É também sugerido um plano de preparação para esta reunião. Cada equipa pode escolher focar-se nas partes mais adequadas à sua situação atual. O importante é que a preparação para esta reunião seja feita em casal. Juntos, no final do ano, faremos um balanço sobre as nossas experiências, identificaremos os pontos fortes e os pontos fracos e preparar-nos-emos para escolher o novo casal responsável. Outra opção possível é realizar esta reunião no âmbito de uma Eucaristia final celebrada em equipa e que as propostas sejam adaptadas às várias partes, conforme a equipa considere apropriado.

Leitura da Palavra *(Flp 1,1-11)*

¹Paulo e Timóteo, servos de Cristo Jesus, a todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos, com os seus bispos e diáconos: ²a vós, a graça e a paz da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo. ³Dou graças ao meu Deus, cada vez que vos recordo, ⁴nas minhas constantes súplicas por todos vós, rezando com alegria, ⁵por causa da vossa participação no anúncio do Evangelho, desde o primeiro dia até agora. ⁶Estou certo de que Aquele que começou em vós tão boa obra a irá aperfeiçoando até ao dia de Cristo Jesus. ⁷É justo que eu assim pense de todos vós, pois vos tenho a todos no coração, a vós que participais comigo na graça que me foi concedida, tanto na minha prisão, como na defesa e consolidação do evangelho. ⁸Deus é testemunha das saudades que tenho de todos vós, no profundo amor de Cristo Jesus.

⁹Peço, pois, que o vosso amor abunde cada vez mais em conhecimento e em toda a compreensão, ¹⁰para que saibais discernir o que é melhor. Assim chegareis ao dia de Cristo puros e irrepreensíveis, ¹¹repletos do fruto da justificação que vem por Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus.

Reflexões sobre a palavra

São Paulo não inicia esta carta apontando falhas ou corrigindo erros, mas sim agradecendo. Ao olhar para a comunidade de Filipos, a primeira coisa que surge no seu coração é a gratidão e a alegria. Esta é uma chave muito importante para a nossa revisão do ano: olhar para o caminho percorrido começando por uma ação de graças e não a partir do que "não alcançámos".

Paulo dá graças "cada vez que me lembro de vós". A memória da fé não é um relato de fracassos, mas um lugar onde a obra de Deus é

reconhecida. Ao terminar este ano, também somos convidados a recordar os temas, os encontros, as dificuldades e os pequenos avanços, não para nos julgarmos, mas para descobrir como Deus esteve presente desde o primeiro dia até hoje.

O apóstolo reconhece algo fundamental: "por causa da vossa participação no anúncio do Evangelho." Não fala de resultados espetaculares, mas sim de colaboração fiel. Da mesma forma, este percurso não foi vivido solitariamente: percorremo-la como casais, como equipas, como Igreja. Cada esforço para escutar a Palavra, para rezar juntos, para cuidar da relação já foi participação na obra de Deus, mesmo que tenha sido frágil, intermitente ou silenciosa.

O versículo central ilumina tudo: "Aquele que começou em vós tão boa obra a irá aperfeiçoando." Aqui somos aliviados de um fardo pesado: não somos nós que carregamos o fardo do crescimento, nem na nossa vida espiritual, nem no matrimónio, nem na transmissão da fé aos nossos filhos. É Deus quem inicia, sustenta e conduz a obra. O nosso papel tem sido – e continuará a ser – oferecer disponibilidade, perseverar e recomeçar.

Paulo diz algo muito bonito: "pois vos tenho a todos no coração." O caminho cristão não é um programa de ideias, mas uma experiência de comunhão. Este ano não foi apenas um conjunto de temas, mas uma história partilhada, tecida de laços, escuta e acompanhamento mútuo. Já temos aí frutos do Espírito, mesmo que nem sempre sejam visíveis.

Quando Paulo reza pela comunidade, não pede sucesso nem eficácia, mas sim que "o amor abunde cada vez mais em conhecimento e em toda a compreensão." Esta frase resume muito bem o espírito de todo o tema: não se trata de fazer mais, mas sim de amar melhor, com um amor cada vez mais discernido, mais encarnado, mais evangélico no concreto da vida familiar.

Finalmente, fala do "fruto da justificação ", não como mérito próprio, mas "por meio de Cristo Jesus." Os frutos — se os houver — não são troféus pessoais, mas sinais da fidelidade de Deus. E se ainda não os vemos com clareza, esta palavra sustenta-nos: o processo ainda está em curso, a obra não está concluída.

Reunião da equipa

Acolhimento

O casal anfitrião prepara um cesto com alguns papéis em branco onde serão escritos mais tarde os nomes do casal que propomos como responsável para o próximo ano. O cesto ou recipiente estará presente durante toda a reunião até ao momento em que decidirmos fazer essa eleição.

Sugestões para o pôr em comum

Convidamos-vos a partilhar:

- Uma personagem bíblica em que se tenham visto refletidos
- Uma oração que vos tenha tocado o coração
- Uma proposta que vos tenha ajudado
- Uma ideia que tenha iluminado o vosso caminho
- Um momento de equipa que vos tenha emocionado

Como vivemos este ano em casal

- Aprofundamento da fé?
- Cumprimentos dos PCE's? Qual o PCE em que temos mais dificuldade?
- Assiduidade nas reuniões da Equipa?
- O que devemos manter? O que podemos melhorar?

Como funcionou a Equipa?

- Reunião da equipa: como nos escutámos, respeitámos, apoiámos, incentivámos uns aos outros ao longo do ano? Como foi a partilha? Todos fomos capazes de partilhar e comunicar “em verdade”?
- Tema de estudo: ajudou-nos a crescer na nossa vida conjugal? Ajudou a viver a família de uma maneira diferente?
- O nosso CE está integrado na equipa e ajuda ao progresso da mesma? A equipa tem em conta as necessidades do CE?
- Como é a vida da equipa ao longo do mês? Participámos nas atividades do nosso Sector/Região? Acolhemos o nosso Casal de Ligação?
- A equipa fez a sua contribuição para o Movimento, no espírito proposto? Estamos disponíveis para a Missão? Referenciámos casais para formar novas equipas?

De tudo o que vivemos este ano:

- O que devemos continuar a fazer da mesma forma?
- O que deveríamos melhorar?

Como funcionou o Movimento?

- Como temos vivido a nossa relação com o resto do Movimento?
- Como tem sido a nossa participação nas atividades do Sector ou Região e nos serviços solicitados?
- Sentimo-nos parte de um Movimento mais amplo?
- Estamos a par dos meios de comunicação do Movimento (Site, Newsletter, Redes Sociais)? O que precisamos?
- Participámos nos Encontros para Casais e Equipas propostos pelo Movimento (Encontros para Equipas em Aprofundamento; (re)Descobrir a Vida de equipa; Ser Casal ENS; A Missão nas ENS)
- O que podemos pedir ao Movimento para viver melhor o Carisma e a Espiritualidade das ENS?

De tudo o que vivemos este ano:

- O que devemos continuar a fazer da mesma forma?
- O que deveríamos melhorar?

Eleição dos responsáveis

A escolha do casal responsável para o próximo ano também pode ser feita neste clima de oração.

O casal responsável pelo ano que agora termina pode partilhar como viveu a sua responsabilidade. A equipa pode comentar se espera alguma "animação" específica do novo casal responsável.

Podemos terminar rezando todos juntos:

"Senhor, estamos reunidos em teu nome. Estamos junto da pessoa a quem nos unimos pelo sacramento do matrimónio. Estamos com os casais e o conselheiro espiritual da nossa equipa para estarmos atentos uns aos outros e para os incluir também na nossa oração.

Senhor, dá-nos a graça de reconhecer o que é essencial para a nossa vida de fé e abre os nossos corações e inteligência para que a nossa equipa seja cada vez mais uma comunidade fraterna ao teu serviço."

Ámen.

Anexos

Modelo para uma reunião de Equipa

- Acolhimento e Invocação do Espírito Santo
- Oração de agradecimento dos alimentos e refeição
- Pôr em comum
- Oração inicial e ressonância pessoal
- Partilha dos PCE's
- Discussão do Tema de Estudo
- Oração pela beatificação do Pe. Caffarel
- Conclusão e Magnificat

Atitudes de vida

- Procura assídua da vontade de Deus
- Procura da verdade sobre nós mesmos
- Experiência da comunhão e do encontro

Pontos Concretos de Esforço

- Escuta atenta da Palavra de Deus
- Oração (Pessoal, Conjugal e Familiar)
- Dever de se Sentar
- Regra de Vida
- Estudo do Tema
- Retiro anual

Oração para a Partilha

Senhor Jesus, na altura de fazermos a partilha de vida, recordamos que toda a graça do nosso Sacramento vem de vós e que o amor só tem sentido quando consiste em procurar, concretamente, o bem do outro e das nossas famílias.

Que este momento sirva para ajuda e crescimento de todos.

Por isso, ensinai-nos a falar com humildade das nossas fraquezas e falhas, pedindo perdão a todos;
ajudai-nos a contar os sucessos e alegrias sem vaidade, para estímulo e ajuda uns dos outros, dando graças a Deus.

Neste momento, também queremos lembrar e pedir pelos casais que sofrem e passam dificuldades, em especial os da nossa equipa, e que isso faça crescer a nossa responsabilidade.

Ámen

Oração pela canonização do Padre Caffarel

Deus, nosso Pai,

Tu colocaste no fundo do coração do teu servo Henri Caffarel um impulso de amor, que o atraiu sem reservas para o teu Filho e o inspirou a falar d'Ele.

Profeta do nosso tempo, ele mostrou a dignidade e a beleza da vocação de cada um segundo a palavra que Jesus dirige a todos: “Vem e segue-me”.

Ele entusiasmou os esposos para a grandeza do sacramento do matrimónio, que significa o mistério de unidade e de amor fecundo entre Cristo e a Igreja.

Mostrou que padres e casais são chamados a viver a vocação do amor.

Guiou as viúvas: o amor é mais forte do que a morte.

Impelido pelo Espírito, conduziu muitos crentes no caminho da oração.

Arrebatado por um fogo devorador, era habitado por ti, Senhor.

Deus, nosso Pai, pela intercessão de Nossa Senhora, nós te pedimos que apresses o dia em que a Igreja proclamará a santidade da sua vida, para que todos descubram a alegria de seguir o teu Filho, cada um segundo a sua vocação no Espírito.

Deus, nosso Pai, nós invocamos o Padre Caffarel para ... (indicar a graça a pedir).

Ámen.

Oração aprovada por D. André Vingt-Trois, Arcebispo de Paris. “Nihilobstat” (4/Jan/2006), “Imprimatur” (5/Jan/2006)
No caso de obtenção de graças por intercessão do Pe. Caffarel, contactar o Casal coordenador da **Associação dos Amigos do Padre Caffarel, na Supra Região Portugal**: pe.caffarel@ens.pt

Magnificat

A minha alma glorifica o Senhor
E o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador!
Porque pôs os olhos na humildade de sua serva:
De hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações.

O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas:
Santo é seu nome.
A sua misericórdia se estende de geração em geração
Sobre aqueles que O temem.

Manifestou o poder de seu braço
E dispersou os soberbos.
Derrubou os poderosos de seus tronos
E exaltou os humildes.

Aos famintos encheu de bens
E aos ricos despediu de mãos vazias.
Acolheu a Israel, seu servo, lembrado da sua misericórdia,
Como tinha prometido a nossos pais, a Abraão e à sua descendência
para sempre.

Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo,
como era no princípio, agora e sempre.
Ámen.



Equipas de Nossa Senhora
Supra-Região Portugal

Rua do Centro Cultural, 5 – R/C, Sala 9
1700-106 LISBOA, Portugal

ens@ens.pt | www.ens.pt